

MARIA



SIM À PAZ
NÃO À GUERRA

VOTA
BRASIL

ENPA

Desafios
da teologia
no mundo

Voto
não tem
preço.
Quando
fiscalizar?

Política...

única via de ação possível

Desnudando o novo império

Conhecer o inimigo e desnudá-lo para enfrentá-lo lucidamente. Por todos os meios que a ética e a solidariedade sugiram, a partir de todas as trincheiras da Humanidade em pé de Justiça, de Liberdade e de Paz.

O império não é onipotente nem é eterno. «O império somente é de Deus» rezava a inscrição muçulmana no Califado de Córdoba. E a sabedoria grega já advertia que a prepotência faz mal aos homens e às nações.

Emmanuel Todd vislumbrou-o e descreveu-o, em seu livro: “Depois do império, a decomposição do sistema americano”. E o experiente ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachov, assegurava, por ocasião da guerra contra o Iraque, que a comunidade internacional não permitiria que os EUA governassem, sozinhos, o mundo.

Nem os EUA nem outro país. Está cada vez mais próximo o fim de todo império, porque a Humanidade sente-se cada dia mais una e, apesar de tantas aparências e realidades nefastas, quer, exige ser cada vez mais humana. Sem dominações, sem exclusões, sem votos nem vetos privilegiados. Respeitando sempre as identidades complementares, porque até a utopia de um governo mundial – por hipótese– acabaria fazendo o jogo de um imperialismo real. O desafio continua sendo sempre conjugar a identidade alteridade localizada com a globalidade intersolidária.

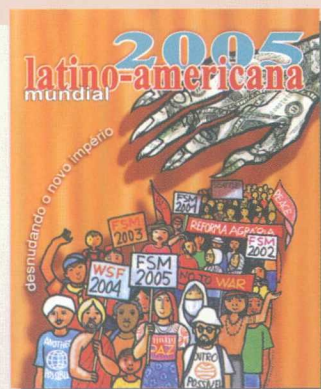
Pedro Casaldáliga

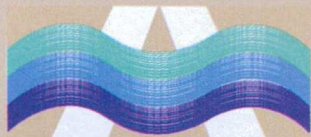
Texto extraído da nova Agenda Latino-americana mundial 2005, a ser lançada em 8 de outubro de 2004, no Memorial da América Latina, com o Lema: “Desnudando o novo império”.

Encomende já
sua Agenda Latino-americana 2005

Tels.: (11) 3824-0149 e 0800-772 8585

<http://latinoamericana.org/brasil>
brasil@latinoamericana.org





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria pertence à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregjanin.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz.

Redação: Avelino S. de Godoy; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou

Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada

Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu,

SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou

renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por

cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado

nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO

BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos represen-

tantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias

da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber as anui-

dades correspondentes às assinaturas da revista Ave Maria.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Ligue grátis: 0800-555-021
ou pelo Fax: 3663-3491

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas da revista Ave Maria, peçam a credencial fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan. **Minas Gerais:** Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goias:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva; Sérgio Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech. **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda. **Merenda Representações:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Se tiver alguma dúvida sobre sua assinatura,

ligue para a revista Ave Maria:

0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

EDITORIAL



Eleições, políticas e missão cristã

“Espaço gratuito reservado para a campanha eleitoral – TRE”. Esse aviso na TV e no rádio tem provocado as mais contraditórias reações. Desde a curiosidade para se inteirar dos projetos dos candidatos até os que, muito irritados, desligam rádio ou TV.

A política está em todas as atividades humanas. É ela que junta ou separa os grupos que formam a sociedade e que se articulam em todas as áreas, econômica, cultural, esportiva, religiosa, educacional, etc.

A palavra “política” tem sua origem do Grego e significa *a atividade de governar a cidade, a população local*. De forma simples podemos dizer que é a missão de alguém eleito cuidar do desenvolvimento integral de todos os habitantes da cidade.

Nesta edição da revista Ave Maria, na seção Palavra do Papa, “Vitória Moral de um Povo” (p.6), João Paulo II enaltece a postura corajosa e exemplar do povo polonês que resistiu à ocupação da ditadura nazista. A Igreja apoiou a reação popular em defesa da liberdade e da vida.

Pe. João Batista Libânio, em “Desafios da teologia no mundo” (p.8), mostra a importância da Igreja em fazer nova reflexão sobre a teologia, para que sua missão, sempre atualizada, seja conciliadora e integradora com outras confissões religiosas e outros segmentos da sociedade.

“Ética nos negócios” (p.9), de Frei Betto, leva-nos a refletir sobre princípios éticos universais e, o primeiro deles, a vida como dom sagrado, ao qual todos os outros devem se submeter, inclusive os do mercado.

No artigo: “Quem recebe o poder, perde a caridade?” (p.11), Luís Erlin confronta a caridade com o autoritarismo que acontece em todas as esferas sociais. Os cristãos têm a missão de serem fermento na sociedade para que esta se posicione em defesa da vida e da justiça com amor fraterno.

Darbí José Alexandre, em “Política... única via de ação possível” (p.12), explica a importância da política e mostra por que não devemos cruzar os braços, pois, pela política, um povo pode alcançar a riqueza ou permanecer na pobreza, melhorar a educação ou ter falta dela. E ainda, “Voto não tem preço. Quando fiscalizar?” (p.13) apresenta breves orientações sobre a lei nº 9840/99 que procura esclarecer sobre as eleições e evitar a corrupção eleitoral. O texto é extraído do documento da CNBB: “Lei 9840/99. Passo a passo, de novo na luta contra a corrupção eleitoral, pela ética na política”, 2002.

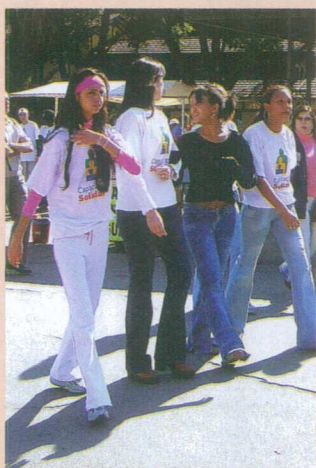
Uma entrevista com d. Pedro Casaldáliga, “Presbítero, do povo para o povo” (p.14), aponta para a importância da presença do presbítero junto ao seu povo, conhecendo-o e fazendo história com ele, consciente de sua missão de consagrado e do seu compromisso com os excluídos como Jesus Cristo.

“Teologia: a fé tem suas razões...” (p.16) é o artigo de Maria Clara L. Bingemer onde ela aborda o tema da teologia cuja missão é assegurar a transparência da fé à razão por meio da ciência para fortalecer o compromisso com a vida.

Nessas eleições municipais para prefeito(a) e vereadores, o(a) eleitor(a) cristão(ã) não pode perder de vista as qualidades indispensáveis do candidato: capacidade e honestidade. E que tenham programas políticos, como disse d. Luciano M. de Almeida, “que visem a alcançar a transformação da sociedade e da economia numa ordem social para o bem comum e para o resgate da dignidade dos pobres, à luz dos valores do Evangelho”.

P.C.G.

Dia Nacional da Juventude



Este ano, o Dia Nacional da Juventude (DNJ) apresenta o tema: "Políticas públicas para a juventude" e o lema: "A gente quer valer nosso suor... a gente quer do bom e do melhor!". O DNJ é celebrado no dia 31 de outubro. Trata-se de um evento de massa, com caráter missionário, envolvendo jovens, sobre uma temática social e eclesial para a caminhada da evangelização da juventude do Brasil. Em preparação, foi elaborado um subsídio dirigido aos grupos de jovens e às coordenações, que compreendem três roteiros, com sugestões de trabalho, cantos, citações de textos bíblicos, poesias e temas para aprofundamento, indicações de sites e filmes para que o grupo possa refletir. Além do subsídio, há o cartaz e adesivos, que se encontram no Centro de Capacitação da Juventude, em São Paulo. Telefone: (11) 6917-1425 ou ccj-sp@uol.com.br

IV Encontro inter-religioso

Barcelona, Espanha.

Entre 7 e 13 de julho, celebrou-se naquela cidade a IV Sessão do Parlamento das Religiões. Iniciativa que já conta com mais de cem anos. A primeira foi em 1893, em Chicago, EUA. Apenas foi possível, naquela data, reunir uma representação mínima das religiões orientais. Contrariamente, em 1993, data da segunda sessão, que demorou, portanto, cem anos para ser celebrada, houve grande participação das religiões orientais. A terceira foi em Johannesburgo, África do Sul, em 1996, e a última foi celebrada como a atividade-estrela do "Fórum das Culturas 2004" em Barcelona.

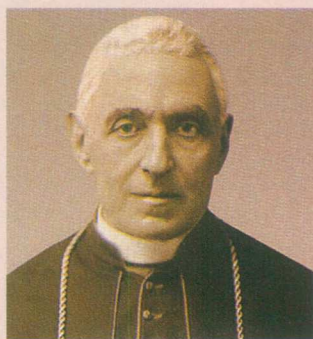
Mais de 7 mil pessoas participaram desta sessão, pertencentes a muitas das principais religiões do mundo. Houve encontros, mesas-redondas, debates, painéis, oficinas, tempos de oração, sobre os mais variados temas, propostos livremente pelas religiões, muitos deles realizados simultaneamente à escolha dos participantes. O Parlamento não visou produzir nenhuma conclusão, acordo ou declaração, só o encontro, o diálogo (parlamento). O objetivo dessa iniciativa da matriz estadunidense foi só um dos muitos empreendimentos de diálogo inter-religioso que estão em marcha no mundo e devem ser apoiadas.

O Parlamento foi precedido por três dias de reunião dos líderes das religiões e dos movimentos espirituais do mundo, realizada no Mosteiro beneditino de Montserrat, na província de Barcelona, com a participação de umas 500 pessoas.

I Simpósio internacional franciscano

Rio de Janeiro, RJ. De 25 a 29/8, realizou-se o simpósio, organizado pela Missionszentrale Der Franziskaner da Alemanha e pela Família Franciscana do Brasil, com a presença de 141 representantes de entidades civis brasileiras e congregações religiosas do Brasil. Entre os participantes, estiveram reunidos franciscanos/as do Brasil, que atuam nos trabalhos sociais mais difíceis, avaliando suas práticas e a ação de Francisco de Assis nos dias atuais. Contatos: Frei David Santos, ofm. Tels.: (21) 2278-8573 ou (11) 9933-1560.

Beato João Batista Scalabrini,



São Paulo, SP. João Batista Scalabrini, após-

tolo dos migrantes, nasceu perto de Como, Itália, aos 8 de junho de 1839. Ao ser ordenado sacerdote, 1863, assumiu tarefas pastorais de educador no seminário e de colaborador em paróquias.

Em 1876, foi nomeado bispo de Placência, com 36 anos, e lá ficou quase 30, como pastor sábio, prudente e zeloso. D. Scalabrini é conhecido por sua dedicação à causa dos migrantes. Durante o período 1850-1900, mais de 50 milhões de europeus deixaram sua pátria em busca de melhores condições de vida. Em vista disso, fundou a Congregação dos Missionários de São Carlos para a assistência religiosa, moral e social dos emigrantes. Ao visitar seus missionários pelo mundo, queria constatar os problemas da migração e o trabalho dos missionários, encorajando e estimulando a assistência plena aos emigrantes. Scalabrini morreu no dia 1.º de junho de 1905, dizendo as palavras: "Senhor, estou pronto, vamos!". Tinha cumprido seu programa: "Fazer-se tudo para todos". Foi beatificado, em novembro de 1997, no Vaticano, pelo papa João Paulo II.

Papa condena atentados terroristas

Opapa João Paulo II lembrou, no dia 1º de setembro, o aniversário da invasão da Polônia por Hitler, data com a qual começou a

II Guerra Mundial (1939-1945), “que semeou luto pela Europa e outros continentes”. “Com grande dor e preocupação recebi as graves notícias dos atentados terroristas em Israel e na Rússia, onde várias pessoas morreram, vítimas indefesas e inocentes”, afirmou, ao final da audiência geral concedida no Vaticano. Enquanto falava, cerca de quatrocentas pessoas, entre elas, duzentas crianças acabavam de ser seqüestradas em uma escola, por um grupo armado em Beslan, perto da Chechênia. Na terça-feira (30/8), um atentado suicida provocou morte em estação de metrô, em Moscou. Nesse mesmo dia, homens-bomba do grupo Hamas explodiram dois ônibus na cidade de Birshiba, Israel. Também, no atormentado Iraque, não se rompe a cadeia de cega violência que impede um rápido regresso à convivência civil.


“Dirijo um urgente chamado a que cesse por toda parte o recurso à violência, que é sempre indigna de toda boa causa, e a que os dois jornalistas franceses sejam tratados com humanidade e restituídos ilesos, o quanto antes, a seus entes queridos”, afirmou.

“Recordando aqueles dias (invasão da Polônia), nestes momentos de graves e difundidas tensões, invocamos de Deus, Pai de todos os homens, o dom precioso da paz”, concluiu o bispo de Roma.

Processo de beatificação do Padre Víctor



Três Pontas, MG. Padre Francisco de Paula Victor nasceu, em 12/4/1827, na cidade de Campanha, Minas Gerais. Por ser negro, enfrentou desafios. Nasceu no período de plena escravidão. Filho da escrava Lourença Maria de Jesus. Aprendeu o ofício de alfaiate, antes de se dirigir para o Seminário de Mariana, em 1849. No seminário, seus colegas fizeram-no passar por muitas provações. Mas o jovem Víctor venceu e, em 1851, foi ordenado sacerdote. No ano seguinte, foi enviado para Três Pontas, MG. Ao chegar à cidade, novamente o preconceito veio à tona. Contudo, foi conquistando o povo por suas virtudes e seu trabalho evangelizador, levando a palavra de Deus a lugares distantes, a cavalo.

Padre Víctor pregou pelo exemplo de fé, esperança, justiça, prudência e, sobretudo, caridade. Morreu em 23/9/1905. Seu processo de beatificação, em Roma, está bastante adiantado. Correspondência: *Memorial Padre Víctor*, R. Azarias de Brito Sobrinho, 61, CEP 37190-000. Três Pontas, MG. Telfax: (35) 3265-2627. 

SUMÁRIO

A IGREJA NO MUNDO	
• Notícias	4
PALAVRA DO PAPA	
• Vitória moral de um povo	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE	
• A água é de todos	7
FÉ E CIDADANIA	
• Desafios da teologia no mundo J. B. Libânio	8
• Ética nos negócios Frei Betto	9
• Violência na TV Pe Zezinho	10
• Quem recebe o poder, perde a caridade? Luis Erlin	11
• POLÍTICA... única via de ação possível Darbi José Alexandre	12
• Voto não tem preço. Quando fiscalizar?	13
ENTREVISTA	
• Presbítero, do povo e para o povo Cláudio Gregianin	14
FÉ E CIDADANIA	
• Teologia: a fé tem suas razões... Maria Clara Lucchetti Bingemer	16
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR	
• Senhora de Folgoët Roque Vicente Beraldi	17
HISTÓRIA DA IGREJA	
• O antigo conceito de revelação José Maria Vigil	18
A PALAVRA É...	
• Diácono – Decálogo Luis Erlin	19
LINGUAGEM POSITIVA	
• Nossos estilos comunicativos Francisco Gomes de Matos	20
• Novos dirigentes dos claretianos no Brasil Cláudio Gregianin	21
CELEBRACÃO	
• Claret, ontem e hoje uma vida para comunicar a verdade Oswair Chiozini	22
LITURGIA DA PALAVRA	
• De 31 de outubro a 28 de novembro Adelino Dias Coelho	24
MEU LAR	
• Diálogo indefinido Wimer Botura Jr.	31
CULINÁRIA	
• Vamos cozinhar?! Yvonne Barros Oliveira	32
TURMA DA MAÍRA	
Tina Glória	33

Vitória moral de um povo

A Insurreição de Varsóvia constitui "exemplo estimulante de amor pela pátria", assim como um "monumento eloqüente da vitória moral de um povo". Foi o que desejou escrever o papa João Paulo II na mensagem que enviou ao presidente da Câmara Municipal da capital da Polônia, Lech Kaczynski, por ocasião das celebrações do 60º aniversário da Insurreição, para recordar os "dramáticos dias que, num certo sentido, constituíram o apogeu da resistência que, durante a ocupação hitleriana, toda a nação opôs ao invasor".

A manifestação comemorativa central teve lugar em 1º de agosto, diante do túmulo do Soldado Desconhecido, erigido na praça "Pilsudski", e foi seguida pela celebração da Santa Missa, presidida pelo cardeal Józef Glemp, arcebispo de Varsóvia, na igreja de Santo Adalberto, no bairro de "Wola", de que participaram inclusive diversas autoridades civis, militares e religiosas, além de um elevado número de fiéis. Eis, a seguir, o texto da mensagem pontifícia:

Ilustre Senhor Presidente da Câmara Municipal, estou-lhe profundamente grato por me ter convidado para participar das celebrações do 60º aniversário da Insurreição de Varsóvia. Uno-me do íntimo do coração aos habitantes da capital e a todos os meus compatriotas, na solene comemoração dos dramáticos dias que, num certo sentido, constituíram o apogeu da resistência que, durante a ocupação hitleriana, toda a nação opôs ao invasor. Como filho dessa nação, desejo prestar homenagem aos heróis daquele movimento de agosto, às vítimas e às pessoas ainda hoje vivas.

Inclino-me diante dos participantes da Insurreição que, na luta ímpar não pouparam o seu sangue e suas próprias vidas pela causa da pátria. Não obstante, no final, por falta de meios apropriados e em virtude dos condicionamentos externos, terem sofrido uma derrota militar, seu gesto permanecerá para sempre gravado na memória nacional como elevadíssima expressão de patriotismo.

Quanto amor pela pátria devia existir no coração daqueles que, apesar da jovem idade, muitas vezes pouco mais do que crianças que se estavam debruçando sobre a vida, enfrentavam as barricadas em nome da liberdade pessoal e de toda a comunidade.

Enquanto recordo este fato, exprimo a minha admiração e presto homenagem aos soldados do Exército Nacional (*Armia Krajowa*) e de outras formações militares, capitaneadas pelo coronel, sucessivamente general Antônio Chrus-

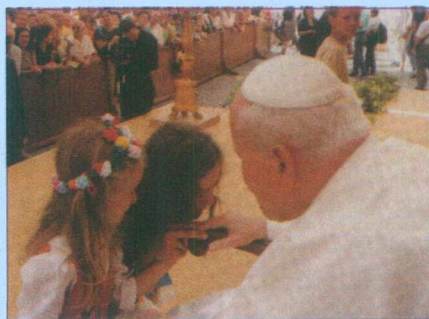


Foto: L'Osservatore Romano

ciel (Monter). Eles receberam a ajuda dos civis de Varsóvia que, aos milhares, pereceram no campo de batalha. Como deixar de recordar os sacerdotes heróicos, capelães da Insurreição, que assistiam os combatentes até o fim, muitas vezes à custa da própria vida. De modo especial, desejo homenagear as médicas e enfermeiras heróicas, que cuidavam dos combatentes. Muitas delas foram massacradas juntamente com os feridos que ajudavam conscientemente,

até o fim. Faço votos para que a recordação dessas mulheres e jovens heróicas permaneça sempre viva, encorajando ao serviço abnegado para o bem das pessoas em necessidade.

Quando volto com a mente a essas vicissitudes e às pessoas nelas empenhadas, tenho a impressão de que Varsóvia, cidade indômita que hoje, reconstruída das ruínas e não menos maravilhosa do que as outras capitais européias, constitui um monumento eloqüente da sua vitória moral. E assim permaneça para sempre.

Saúdo cordialmente todos os indivíduos que viveram aqueles dias e que hoje constituem um grupo de idosas testemunhas dos acontecimentos assinalados pela grandeza do espírito humano, capaz de elevar o bem comum acima dos mais exímios valores, próprios das pessoas individualmente. Estou feliz porque sessenta anos mais tarde, apesar das precedentes tentativas de apagar da memória nacional aquelas vicissitudes, eles podem gozar dos frutos do seu esforço militar.

Concedo a minha bênção à querida Varsóvia e a toda a Polônia. Peço a Deus que torne, mediante a sua graça, cada vez mais nobres os corações de todos os poloneses, a fim de que a recordação dos gestos heróicos dos antepassados não seja somente a volta a uma história remota, mas sim um exemplo estimulante do amor pela pátria que, mesmo nos tempos de paz, se exprima antepondo o bem comum às vicissitudes pessoais.

Saúdo o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Varsóvia e todos os participantes nas celebrações desse aniversário. Transmito as expressões da minha união espiritual e abençoção todos vós de coração".

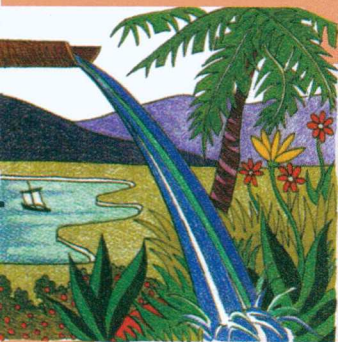
Castel Gandolfo, 27 de Julho de 2004.

João Paulo II

Água é de todos



ENERGIA — É o setor que historicamente tem comandado o uso das águas no Brasil. O Código de Águas, de 1934, nasceu exatamente em função da instalação das primeiras hidrelétricas construídas no Rio de Janeiro. É um setor, então, há anos à frente dos demais, tendo prevalência até hoje. Para se ter uma idéia, “enquanto, em termos mundiais, as usinas hidrelétricas são responsáveis pela produção de 25% da energia elétrica, no Brasil, esta cifra tem atingido, nos últimos anos, 97%”! (*Texto-base*, nº 20).



VER — O setor hidrelétrico é poderoso no País, mas foi colocado em xeque pela crise energética de 2001. Ao contrário daqueles que afirmam ser “limpa” a energia de origem hídrica, as conseqüências ambientais das barragens podem ser graves.

A restrição ambiental resulta dos inegáveis malefícios causados pela implantação de uma usina hidrelétrica, quase todos de caráter local:

- reassentamento da população;
- desflorestamento, para implantação das barragens;
- inundação dos solos férteis;
- diminuição da biodiversidade do entorno físico;
- dificuldades para a piracema (reprodução dos peixes nas nascentes dos rios);
- transtornos para a população das áreas inundadas. Por exemplo, a eletricidade gerada pela barragem de Tucuruí (PA) beneficia o nordeste do Maranhão, mas não as populações que vivem nas margens do rio Tocantins;
- assoreamento dos rios (*Texto-base*, nº 20).



JULGAR — A água é uma necessidade primária, portanto, direito e patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. A água é, por excelência, um bem de destinação universal. A primazia da vida se estabelece sobre todos os outros possíveis usos da água. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida.

Nesse sentido, a ONU coloca a água para consumo humano no contexto do “direito humano à alimentação”. Várias organizações não-governamentais lutam por essa dimensão da água em nível planetário. O Brasil é signatário da convenção dos direitos humanos. Não são apenas os seres humanos os destinatários da água, mas todos os outros seres vivos. Precisam dela para viver, desde os animais até os vegetais. Essa consciência faz do ser humano um “ser entre outros”, parte da corrente da vida pela qual ele deve zelar (*Texto-base*, n.os 13 e 14).

AGIR — Não se trata de descartar, em princípio, essa fonte de energia, mas de buscar alternativas. Sabemos que as fontes eólica (aproveitamento da força dos ventos) e solar, embora limpas, não supririam as necessidades nacionais; a energia nuclear tem muitos riscos ambientais e para a saúde; quanto às fontes térmicas, o carvão é altamente poluente, e o gás importado sai muito caro. Impõem-se investimentos em pesquisa para a produção de energia realmente limpa. Talvez o campo da biomassa (matéria orgânica) mereça mais consideração (*Texto-base*, nº 20).



• 1) Jerson Kelman e Mário Veiga Ferraz Pereira. Hidreletricidade, in Aldo C. Rebouças et al., Águas doces no Brasil, p. 372. • 2) *Ib.* p. 374. • 3) Cf. Roberto Malvezzi, Direito humano à água como alimento. *Internet*, 2002. • 4) Cf. Food First Informations and Action Network (Fian), Fian and the human right to water. *Internet*, 2002.

Desafios^{da} teologia no mundo

J. B. Libânio

De tanto vermos TV, acabamos por acreditar que só existe e tem relevância aquilo que é noticiado por ela. E, na verdade, lá circulam mais futilidades que as verdadeiras realidades. Por isso, freqüentemente se ouve dizer, até mesmo por parte de pessoas bem-informadas, que a teologia da libertação acabou. E por quê? Simplesmente porque saiu do circuito maior midiático. No entanto, ela passou para a corrente sanguínea da fé e da Igreja e agora mostra seu vigor diferentemente.

A teologia da libertação, que se tornou na América Latina hegemônica por sua consistência e criatividade, preocupou-se, na sua primeira fase, com as questões sócio-estruturais da realidade. Os pobres ocupavam o centro de seus interesses na condição de oprimidos socialmente, de sujeito coletivo da história e da Igreja. Por isso, ela lançava mão de instrumentais de análise da realidade de caráter dialético. E cumpriu naqueles idos papel extremamente relevante, desafiando qualquer marxista no compromisso social. Pouca gente deu-se conta de que a teologia da libertação foi a mais cabal refutação do marxismo e não nenhuma capitulação diante dele. O marxismo considerava a religião como ópio do povo e a teologia da libertação demonstrou o contrário, que ela era força dinâmica de transformação.

Hoje, a situação é bem diferente. Não no sentido de que os pobres melhoraram a situação e já não necessitem de nossa atenção e solicitude. Antes pelo contrário, encontram-se em condições ainda piores de tal modo que continuam sendo a opção básica e necessária de toda verdadeira teologia de nosso continente. Os desafios cresceram, porque a situação do pobre se diversificou. Pobre, hoje, é um conceito mais amplo. E precisamos de mais instrumentos teóricos para captá-lo, entendê-lo e atendê-lo bem. A teologia tem como desafio elaborar esse instrumental teórico mais amplo com elementos antropológicos, étnicos, cosmológicos.

L. Boff tem articulado com a temática da pobreza a candente questão da ecologia. Grito do pobre, grito da Terra. São dois pobres. O pobre habitante. O pobre hábitat. Destruin-

do a Terra, acaba-se com toda vida, inclusive a dos pobres. E na crise ecológica, os pobres são a maior vítima. Os ricos sabem defender-se das carências da natureza e o pobre fica entregue as suas intempéries. Nas catástrofes naturais, as regiões em que os pobres moram sofrem os piores efeitos.

Vivemos num mundo extremamente pluralista. As opiniões, as posições teóricas, as religiões multiplicam-se. Antes já existia certa pluralidade. Mas não tínhamos consciência de sua realidade. Hoje a mídia possibilita-nos conhecer e ficar bem cientes desse esfuziante pluralismo cultural e religioso. Uma teologia demasiado dogmática não consegue dar conta dele. Impõe-se o diálogo em vez do anátema, a

decisão em vez da tradição, a comunhão em vez da insistência na própria identidade. Sem grande abertura, nenhuma teologia consegue entrar em diálogo com a cultura moderna e com outras religiões.

Destarte, abre-se para a teologia o amplo campo do diálogo inter-religioso. Está aí um de seus maiores

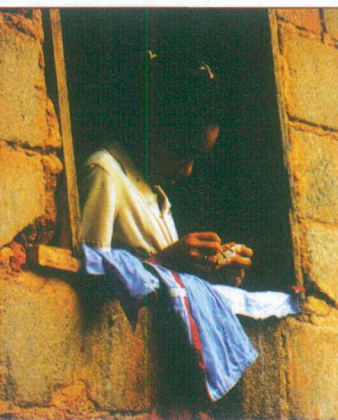


Foto: Verbo Filmes

desafios. A teologia cristã não pode abrir mão de sua identidade. Faz parte dela a centralidade absoluta de Jesus Cristo. Tal fato que constitui, de um lado, a originalidade e riqueza do cristianismo, doutro lado, é o maior obstáculo para o diálogo inter-religioso, que coloca no centro a Deus ou mesmo uma compreensão vaga do mistério, sem menção de nenhuma trindade.

Para a teologia cristã, a questão do gênero constitui-se também outro sério desafio. O Verbo divino assumiu a humanidade na forma de um homem. E a mulher nesse projeto salvífico fica de escanteio? Como integrá-la no espírito de igualdade de direitos numa teologia, numa eclesiologia fortemente marcada pelos traços masculinos? A teologia feminina tem procurado responder a esse desafio, ora de maneira sensata, ora levando ao extremo as suas reivindicações. Esses e outros desafios nos esperam neste início de milênio.

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Ética nos negócios

Frei Betto

O termo: “ética” não comporta adjetivos. Assim, não devemos falar de “nova ética” nem de “ética nos negócios”. Todos devem ser éticos não apenas “nos negócios”. A realidade muda, a ética não. Esta pode ser mais ou menos observada, ter mais ou menos incidência na realidade em que vivemos. Somos nós que deixamos de ser éticos ou tão éticos como deveríamos ser. Não devemos pôr a culpa na ética. Nem tratá-la como se fosse algo descartável que, como os equipamentos tecnológicos, exige nova reposição a cada ano.

Nosso desconforto advém do fato de vivermos em um mundo onde o sucesso dos negócios parece não combinar com os princípios éticos. Se o lucro, e cada vez mais lucro, se impõe como princípio vital do sucesso em qualquer negócio, como ser ético perante a concorrência, o peso da carga tributária, os novos recursos publicitários que erotizam os apelos de consumo? É claro que nenhum empresário ficaria satisfeito com a notícia de que um de seus funcionários embolsa dinheiro da empresa ou que a diretora de vendas apareceu num evento exibindo um abusado decote, ou seja, sonegar o Estado e utilizar modelos em trajes sumários na propaganda não parecem ferir a ética, mas sonegar a empresa e portar-se como quem procura seduzir mais pelos atributos físicos que pela inteligência são atitudes consideradas uma grave falta de ética.

Devemos nos perguntar se não estaríamos minando os próprios fundamen-

tos da ética quando estabelecemos uma “ética de ocasião” e uma “ética de princípios”. A ética de ocasião seria o sofisma legitimador de tudo aquilo que me parece adequado ao meu sucesso nos negócios. Seria o pragmatismo levado ao seu paroxismo. A ética de princípios seria aquela que prego mas não pratico; defendo mas não aplico; proponho mas não abraço.

Como os antigos gregos, tenho a impressão de que retornamos à condição

somos maus sujeitos. Mas... o que fazer diante de forças tão poderosas como as do deus Mercado? Como estabelecer critérios éticos na competitividade, na publicidade, no acúmulo do capital? Como ter sucesso nos negócios, se a legislação nos amarra numa camisa-de-força? Essas são indagações de muitos empresários que não suportam saber que um colega mantém funcionários sem carteira assinada ou explora o trabalho infantil. Empresários que são éticos nas rela-

ções pessoais e familiares. Porém, quando se trata do mundo dos negócios é como se eles se transportassem para um outro universo, onde o que é válido na esfera doméstica, na qual predomina a solidariedade, não se aplica aos negócios, movidos pela competitividade. Em casa, o fracasso de um é a dor de toda a família. Nos negócios, o fracasso do concorrente é conveniente ao meu sucesso e, portanto, motivo de alegria para mim.

Hoje, muitas empresas, inclusive bancos, divulgam seus códigos de ética. De fato, elas descobriram que isso é um bom negócio. O cliente gosta de respeito, atenção e, sobretudo, serviço de qualidade. A empresa aumenta o seu teor de confiabilidade, ainda que, no

dia-a-dia, nem sempre as coisas funcionem como reza o código ou anuncia a publicidade. O atendimento ao consumidor, tanto no setor público quanto no privado, continua a ser como os mila- >>>>



Foto: Avelino S. de Godoy

de seres passíveis movidos, agora, pelo deus Mercado. É ele que dita os destinos de nossos negócios. É dele que emanam as regras que nos obrigam a infringir a ética. No fundo, sabemos que não

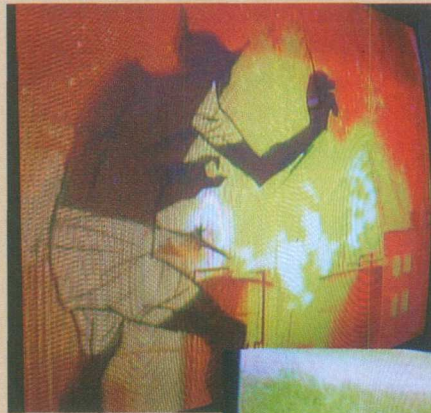
VIOLÊNCIA na

TV

Pe. Zezinho, scj

Todas as vezes que ligo a televisão e percorrendo os canais vejo cenas de violência, sistematicamente mudo de canal. Esses dias, porém, tive a curiosidade de contar quantas cenas de violência havia num filme estampado às 10 horas da noite. Fiquei assustado: contei entre socos e pontapés, explosões, incêndios, fachadas e palavras pesadas, gente de rosto crispado, mais de 300 cenas num mesmo filme. Depois parei de contar; já era demais...

Uma reflexão sempre me ocorre: por que as pessoas gostam tanto de ver violência a ponto de dar ibope para aqueles programas? Por que esses programas, quando todos nós sabemos aonde pode levar o ódio e os efeitos catastróficos da vingança e do ódio no coração? Por que tomamos veneno se sabemos que faz mal? Por



que cultivamos violência se ela faz mal? Por que as artes estão cheias de cenas de violência, se sabemos que esta deturpa e desvia a pessoa humana?

Desde que a indústria da diversão descobriu que violência dá dinheiro,



aumentou em escala assustadora o número de filmes e cenas de violência no cinema e na televisão. Talvez seja possível explicar por que o ser humano gosta de violência, mas fica difícil de explicar por que é que as pessoas que se pretendem inteligentes oferecem violência para as crianças e para os adolescentes.

Somos uma geração tomada pela violência; compramos violência, vendemos violência e procuramos violência no cinema e na televisão. Alguma coisa está errada com o ser humano,

alguma coisa está errada com este veículo. Oremos para entendermos essas coisas.

Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

>>>> gres. A começar pela dificuldade de falar com o santo pelo telefone divulgado. São tantos dígitos distintos, tantas vozes eletrônicas, tanto tempo a exigir paciência, que o cliente se sente na pele de Sísifo, incapaz de impedir que a pedra role montanha abaixo.

Não vejo como falar de ética nos negócios se antes não nos perguntarmos pelos princípios éticos universais que devem reger todas as esferas de nossa existência. O primeiro deles é a vida – do ser humano, da natureza, do cosmo – como dom sagrado. Este é o primordial e fundamental princípio ético. Qualquer atitude ou empreendimento

que ameace ou destrua a vida, viola a ética e, portanto, deveria figurar na lista de crimes. Basta esse princípio para uma boa e profunda reflexão sobre a ética do meu negócio: ela ameaça a saúde dos funcionários e dos clientes? Põe em risco o equilíbrio ambiental? Favorece a desigualdade social?

Creio que uma boa agenda de responsabilidade social não é suficiente para legitimar eticamente uma empresa. A responsabilidade deve ser também cidadã, ambiental e planetária. Deve ser política. Não haverá avanços éticos se partimos do pressuposto que a economia de mercado exige sacrifícios humanos e que a pobre-

za é uma nódoa indelével na história humana. A pobreza é uma violação dos direitos humanos e deveria mobilizar todos nós que não somos vítimas dela. Então, aprenderemos na prática por que todo ser humano é nosso próximo e, como acentua a palavra de Deus, criado à imagem e semelhança divinas. É possível que, nesse dia, se inicie uma nova etapa na história humana: a economia deixará de ter como paradigmas a competitividade e a acumulação, e passará a reger-se pelos paradigmas da solidariedade e da partilha.

Frei Betto é autor de "Gosto de uva – escritos selecionados" (Garamond), entre outros livros.

Quem recebe o poder, perde a caridade?

Luís Erlin

Duas semanas atrás, o carro da polícia tocava a sirene. Dentro do veículo público, iam cinco policiais fortemente armados, estavam rindo com metralhadoras nas mãos. A sirene soando abria caminho na rua, os carros se afastavam para a viatura passar, no sinal verde para pedestre um senhor de aproximadamente 70 anos atravessava a rua, um policial colocou a cabeça para fora do carro e gritou palavras ofensivas, como: *saia da frente seu velho nojento, nós precisamos passar.*

Num posto de saúde, uma auxiliar de enfermagem mascando chicletes atende uma fila enorme de gente, diante de um caso mais urgente, ela olhou com ar de superioridade para a mãe que segurava a criança com febre e disse: *vou ver, espere aí!* Pela fresta da porta observamos que ela fumava conversando com as amigas, num pátio interno. Voltou depois de vinte minutos com a seguinte resposta: *Não tem jeito, a senhora terá de esperar.*

Terminada a missa, uma moça procurava desesperada o padre, queria batizar sua filha de 20 dias na UTI do hospital. *Cadê o pai,* pergunta o padre. *Sou mãe solteira,* respondeu envergonhada a moça. O padre concluiu: *Não batizo.*

Quem recebe o poder, perde a caridade? É um questionamento intrigante, forte, que não deve ser generalizado, mas infelizmente lidar com o poder não é fácil. Muitos quando se vestem de um uniforme, sentem que a grande massa sob seus olhos é inferior. Debaixo dos jalecos, das fardas, das túnicas, dos há-

bitos, dos crachás... podem se esconder a arrogância, o desrespeito, o descaso, atitudes próprias de pessoas que precisam dos cargos para se afirmarem na vida, pessoas inseguras que na humilhação do outro, olham-se no espelho e dizem: *eu sou importante!*

Hitler, aquele do nazismo, foi considerado uma pessoa de baixa auto-estima, com grande sentimento de inferioridade, fez do poder uma arma mortí-

que quiser tornar-se grande entre vós, se faça vosso servo. No episódio do lavapés, Jesus disse: *sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Senhor e Mestre, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós.* Como exercemos o poder que nos foi dado, de pais, professores, religiosos,

políticos, médicos, agentes de pastoral, etc...? Nossa atitude é de serviço? Se não, lastimáveis seremos.

É impossível a vivência da caridade? Impossível, não! Difícil talvez, sobretudo se também estivermos utilizando o poder para nos auto-afirmarmos. A caridade não suporta o autoritarismo. O poder aos olhos de Cristo é a implantação definitiva do amor fraterno, que encontra no serviço ao outro, o sentido pleno da vida. Exemplos de cristãos que articulam o poder com a caridade não nos falta.

A caridade tem poder, quando: *é paciente, é bondosa, não é invejosa, não é orgulhosa, não é arrogante, nem escandalosa, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.* A caridade jamais acabará (cf. 1Cor 13,4-7).

Elaborado por Luís Erlin, cmf - luiserlin@bol.com.br



Foto: Avelino S. de Godoy

fera. Destruindo os outros, ele se sentia forte internamente. Vivemos rodeados de hitleres?

Quando os filhos de Zebedeu se aproximaram de Jesus e pediram um lugar de distinção no Reino de Deus, Jesus, triste, enfatizou: *Sabeis que os chefes das nações as subjugam, e que os grandes as governam com tirania. Não seja assim entre vós. Todo aquele*

POLÍTICA... única via de ação possível

Darbí José Alexandre

Observando os dados estatísticos publicados, quase que diariamente, pelos institutos de pesquisa, fica-se estarelecido com o número dos que deverão votar em branco ou anular seu voto: 56% dos eleitores não escolherão candidatos. Como é possível que mais da metade não esteja preocupada com os destinos do País?

O mundo está repleto de resignados, de conformados, de fatalistas — doentes — cujos corações convencem-nos a não mais lutar, a não mais colaborar, a não mais esperar, mas a se recolher em “tocas”, aguardando o desfecho da história e o fim do mundo. Julgam que a injustiça é tão grande e o poder do mal tão ofensivo que de nada vale se incomodar e reagir. Se assim fosse, o verdadeiro inimigo da sociedade não seria o violento, o terrorista, e sim, o resignado.

Importância da política

Política é a ciência do governo dos povos, a arte de dirigir as relações entre os Estados. Dessa maneira, não se pode entender a política como coisa cheia de discursos, promessas de eleições e muita sujeira.

Pela política, um povo pode alcançar a riqueza ou permanecer na pobreza, melhorar a educação ou ter falta dela, enfim, ser feliz ou continuar infeliz. É evidente que é livre de se preocupar ou não, com a política e com os políticos, mas será que terá a consciência das conseqüências que essa passividade pode ocasionar? Muitos afirmam que os políticos são pessoas de mau caráter, mentirosas e enganadoras. Pessoas deste

Pela política, um povo pode alcançar a riqueza ou permanecer na pobreza, melhorar a educação ou ter falta dela, enfim, ser feliz ou continuar infeliz.



Foto: Avelino S. de Godoy

tipo não são políticos e sim, politiqueros, isto é, empregam processos menos corretos de fazer política. São partidários, na verdade, da política mesquinha e de interesses pessoais. O verdadeiro político é aquele que trabalha para a comunidade e coloca os negócios públicos acima dos seus.

Pensando bem, pode-se afirmar que muitos dos grandes homens que são admirados foram políticos ou célebres pelas conseqüências políticas de seus atos. Grandes homens sempre têm atividade política, estejam ou não, pensando nisso.

Não cruzar os braços

Viver resignado, enclausurado, sem preocupação com a sociedade é como transformar-se em um “caramujo”. A culpa de a política estar entregue a politiqueros é das “pessoas boas” que não querem se envolver com ela.

Poucas coisas são mais nobres do que a dedicação à coletividade, principalmente quando não carrega interesses mesquinhos, mas ideais que têm como objetivo o bem-estar público.

Quem achar que os políticos são, em sua maioria, incompetentes e pouco dignos de confiança, deve verificar se outros profissionais como, por exemplo: banqueiros, médicos, professores, advogados, comerciantes, metalúrgicos, policiais e outros também não o sejam. Pois, aquilo que se costuma chamar de “classe política” nada mais é que um grupo de pessoas surgidas da própria sociedade. Assim, a corrupção dos políticos é conseqüência da falta de honestidade da coletividade.

É nesta época de eleições que se podem analisar candidatos e separar políticos, dos politiqueros. Quem nada faz, está sendo politiquero, isto é, contribuindo para a continuação de uma política indesejável.

Por outro lado, se fizer alguma coisa para melhorar a situação estará sendo político, pois a política é a única via de ação possível. Pense-se bem: não votar em branco, não anular o voto. Analisar os candidatos e escolher os melhores.



Darbí José Alexandre é formado em Ciências Físicas e Biológicas, em Biologia, Pedagogia, com especialização em Administração Escolar. Por trinta anos, foi professor, assistente de direção e diretor de escola.

Voto não tem preço

Quando fiscalizar?

Artigo 1º da Lei nº 9840/99

Assim é definida a chamada "corrupção eleitoral": "Artigo 41-A — Ressalvado o disposto no artigo 26 e seus incisos, constitui captação de sufrágio, vedada por esta lei, o candidato doar, oferecer, prometer, ou entregar ao eleitor, com o fim de obter-lhe o voto, bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive emprego ou função pública, desde o registro da candidatura até o dia da eleição, inclusive, sob pena de multa de 1.000 a 50.000 UFIRs, e cassação do registro ou do diploma, observado o procedimento previsto no art. 22 da Lei Complementar nº 64/90"

A lei só autoriza a apuração de fatos que configurem a captação de sufrágio (compra de votos) vedada pelo artigo 41-A a partir do pedido e deferimento, pelo Tribunal Eleitoral, do registro de candidatura. Nesse momento, o candidato passa oficialmente a concorrer ao pleito na condição de candidato.

O registro da candidatura é fase preparatória do processo eleitoral e consiste na comprovação, pelo Tribunal, de certas condições impostas pela Constituição e por lei. Desse modo, um cidadão poderá se tornar elegível, isto é, concorrer e se eleger a um cargo político para, em outras palavras, ser "votado".

Além disso, deverá possuir as condições exigidas pela Constituição Federal: nacionalidade brasileira, exercício dos direitos políticos, alistamento eleitoral, domicílio eleitoral na cir-

cunscrição, filiação partidária e idade mínima exigida para o cargo.

Ao analisar o pedido de registro de candidatura, o Tribunal fará publicar um edital, com o nome do candidato registrado, dando oportunidade à "impugnação ao registro de candidatura", se for o caso.

Esta ação está inserida, como já dissemos, numa fase preparatória do processo eleitoral em que se permite a contestação ao registro, fundamentada na ausência de algumas das condições de elegibilidade do candidato que, assim, fica impedido de concorrer ao pleito.

Também a Lei Complementar nº 64/90, conhecida como Lei das Inelegibilidades, enumera um a sé-



rie de situações que impedem que uma pessoa possa ser votada, ou tornar-se elegível. Apresenta ela formas diretas e indiretas de atos que configuram abusos ou influências malféticas à legiti-

dade das eleições, possibilitando assim eliminar do processo eleitoral determinados candidatos.

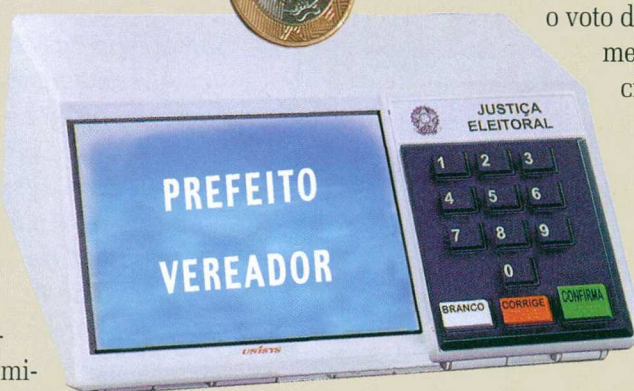
O que significa esse estudo e compreensão da Lei nº 9840/99?

É simples. Estamos falando de condutas que afetam diretamente esse princípio de legitimidade e normalidade que deve pairar sobre todo o processo eleitoral.

A denominada corrupção eleitoral, por prejudicar a legitimidade do pleito, constitui uma falta que não autoriza o seu autor a participar do processo eleitoral. Apurado e sentenciado em tempo pela Justiça, retira-se do cidadão parcela dos seus direitos políticos e, não estando ele no pleno exercício desse direito, não possui a condição de elegibilidade necessária para assumir a posição oficial de candidato.

Esse é pois um momento importante do processo eleitoral, pois é a partir do registro que podemos conhecer a "cara" do candidato. É também a partir desse momento que começa oficialmente a corrida às urnas e nessa corrida muitos candidatos valem-se de meios ilegais para conseguir o voto do cidadão

menos consciente. Portanto, a partir do pedido de registro de candidatura,



devemos ficar de olho nos candidatos menos escrupulosos, denunciando práticas como essas e atentos para a circunstância de já terem eles sido apenados por crime dessa natureza, situação que lhes impede o registro.

Até quando aplicar a lei?

A Lei nº 9840/99 tem aplicação até o dia da eleição, inclusive, o que significa dizer que qualquer conduta por ela vedada pode ser denunciada até esse momento. Pouco importa, entretanto, que a apuração dos fatos se dê após as eleições, pois nesse momento permite a lei que seja cassado o diploma do candidato infrator.

Há, assim, dois momentos para punir os candidatos que tiverem comprovadamente praticado as condutas proibidas pela nova lei: do registro de candidatura até as eleições, a pena é a cassação do registro. Antes das eleições até a diplomação do candidato infrator, a pena é a cassação do diploma.

Em qualquer situação, entretanto, fica o condenado sujeito também à pena de multa de 1.000 a 50.000 UFIRs. Para chegar à aplicação da pena, entretanto, é preciso que se inicie um processo e que em relação a ele haja um julgamento, atendidas certas garantias constitucionais.

Lembre-se de que a Constituição garante que ninguém será processado ou condenado sem que sejam assegurados os princípios da ampla defesa e do devido processo legal.

O Ministério Público Eleitoral fica atento à observância desses princípios de justiça e os membros do Tribunal, ao julgar, também dele não se afastam.



Lei 9840/99, Passo a passo, de novo na luta contra a corrupção eleitoral, pela ética na política. Comissão Brasileira Justiça e Paz — CNBB.

Presbítero, do po

D. Pedro Casaldáliga finaliza a série de entrevistas concedidas na 42ª Assembléia Geral, em Itaici, Indaiatuba, SP, de 21 a 30 de abril. Esta foi convocada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, para elaborar o Projeto de Evangelização 2003/2007:

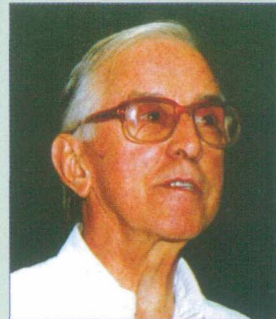
“Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida” e teve como tema central: “Vida e Ministério dos Presbíteros”, vocação e serviço pastoral”

~ Durante aquele evento, a revista Ave Maria entrevistou alguns bispos sobre o tema da Assembléia. Seu conteúdo foi apresentado nas edições anteriores: d. Angélico

Sândalo Bernardino, bispo de Blumenau, SC (cf. AM de junho, p.8); pe. Oscar Beoso, diretor do Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular, Cesep (cf. AM de julho: “Fé cristã coopera com o progresso social”, p. 14); d. Luciano

Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, MG (cf. AM de agosto: “A Igreja diante da miséria e da fome”, p. 14). D. Raymundo

Damasceno Assis, arcebispo de Aparecida, SP (cf. AM de setembro: “Missão de fé, entrega e solidariedade”, p. 12).



Ave Maria – Dom Pedro, na sua opinião, como tem de ser um presbítero junto ao seu povo, sua comunidade, junto a sua gente?

D. Pedro – Antes de tudo, e sobretudo, que seja um apaixonado por Jesus Cristo e pelo Reino. Em segundo lugar, que seja do povo, com o povo e para o povo. Temos falado com insistência do padre-pastor, no sentido da proximidade, do cuidado, da ternura, da doação. O bom pastor é aquele que dá a vida pelas ovelhas. Insistimos e se deve insistir também na preparação, na formação permanente. E, além disso, um caráter muito importante que se tem sublinhado: o aspecto comunitário da própria vocação presbiteral. É um presbitério e não apenas o presbítero isolado, é um presbítero e a comunidade e não um padre por um lado, como quem diz, e a comunidade para outro. E finalmente tem de ser um homem de esperança e autenticamente pascal.

AM – Então, o padre tem uma função religiosa e mais outras funções dentro de uma comunidade? Isso preocupa a Igreja?

Pedro – Ele deve ser luz, sal e fermento

vo e para o povo

na vida da comunidade. E a vida da comunidade comporta muita coisa, muitas necessidades, muitas aspirações, muitos sofrimentos, muitos direitos, sempre evidentemente à luz da fé. Cada vez mais se pede que, se o presbítero sai do povo, volte para o povo.

Há uma preocupação com respeito a certo clero, e jovem, que talvez tenha uma certa tendência para o "status", o que o distancia dos pobres que continuam sendo a imensa maioria. Maioria, aliás, bem notória no continente latino-americano. É importante ser um pastor com o compromisso da unção verdadeira pelos empobrecidos, pelos excluídos. Quando Jesus proclama a sua missão, sublinha: eu estou sendo ungido pelo

Pedro – O povo e a própria Igreja como tal devem rever sistematicamente os passos da história. Um cristão à luz da fé e pelas exigências do Reino, nunca estará completamente satisfeito. À profecia cabe anunciar mas também denunciar, e comporta consolar, confortar. Tem que ser uma esperança pascal. A verdade acabará vencendo, a vida acabará vencendo. Nós temos que dar nossa contribuição (participar) a um processo histórico mesmo cheio de ambigüidades. A felicidade plena só do lado de lá.


AM – Que palavra de esperança o Sr. procura dizer aos homens e às mulheres desempregados?



Foto: Cláudio Gregianin

Espírito para anunciar a boa notícia aos pobres.

AM – Existe ainda uma grande multidão de brasileiros com sensação de insegurança por falta de emprego. Como o cristão deve olhar para esse povo necessitado de segurança?

Pedro – Que ainda o povo continua tendo a primeira e a última palavra. Eu tenho um poeminha que diz: "somos pobres, / porém, / somos maioria/ e um futuro,/ e Deus / está com o pobres." 

Entrevista concedida ao pe. Cláudio Gregianin, diretor da revista Ave Maria.

IRMÃS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA



JOVEM

embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO

São Paulo, SP

Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso) CEP
04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258 (Parque Bom Retiro)
CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus”.
(Madre Fundadora)

Teologia: a fé tem suas razões...

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Qualquer reflexão e discurso sobre a Teologia – literalmente, o conhecimento sistemático sobre Deus – parece trazer de volta a velha questão da possibilidade de colocar em diálogo fé e razão. Se a fé é uma experiência do mistério, daquilo sobre o qual não se pode ter conhecimento exato nem palavra adequada, como é possível pensar a fé com os recursos da razão? Sendo processo de conhecimento, e tendo, portanto, que haver-se com a razão, de onde viria a essa mesma Teologia a possibilidade e a condição de colocar em marcha o intelecto que vai pretender pensar e falar sobre o objeto que lhe é proposto?

Tal tema, tal conflito e tal questão podem encontrar sua provocação inicial numa pergunta evangélica, a mesma que os contemporâneos de Jesus fizeram sobre ele mesmo, ao ouvirem-no falar com um conhecimento e um “saber” diferente do “saber” dos filósofos e teólogos da época: os escribas e fariseus: *De onde lhe vem essa sabedoria? ou de onde lhe vem o saber...?* (Mt 13,54).

Ao ouvir Jesus, que ensinava com autoridade, e assim fazendo dava mostras de ser possuidor de um “saber” até então desconhecido, os sábios e doutores da época, e todos os que o ouviam, se questionavam sobre a origem desse

saber que não conseguiam identificar. Esse saber que jorrava da boca e da pessoa do Galileu dá bem a medida daquilo que a teologia pretende. Para ser fiel à sua identidade e discurso, a teologia deve fazer uma série de rupturas com o projeto da racionalidade. E a primeira delas nos é recordada justamente por dois textos do Novo Testamento.

Um deles é 1Cor 1,19: *Destruirei a inteligência dos inteligentes*, referindo-se a Is 29,14. A destruição, a anulação, não de toda inteligência, mas da inte-

da busca incessante e incansável da verdade, onde a razão entra de cheio e plenamente. Esta – a questão pela verdade – constitui a questão última que o teólogo tem a obrigação de continuar postulando, diante da Revelação contida na Escritura e na Tradição, e para além de toda interpretação, até que ela seja, enfim, plenamente manifestada.

A fé — por ser uma experiência humana — não pode ser absurda e opaca à razão. Portanto, cabe à Teologia — palavra segunda da fé — a missão de asse-

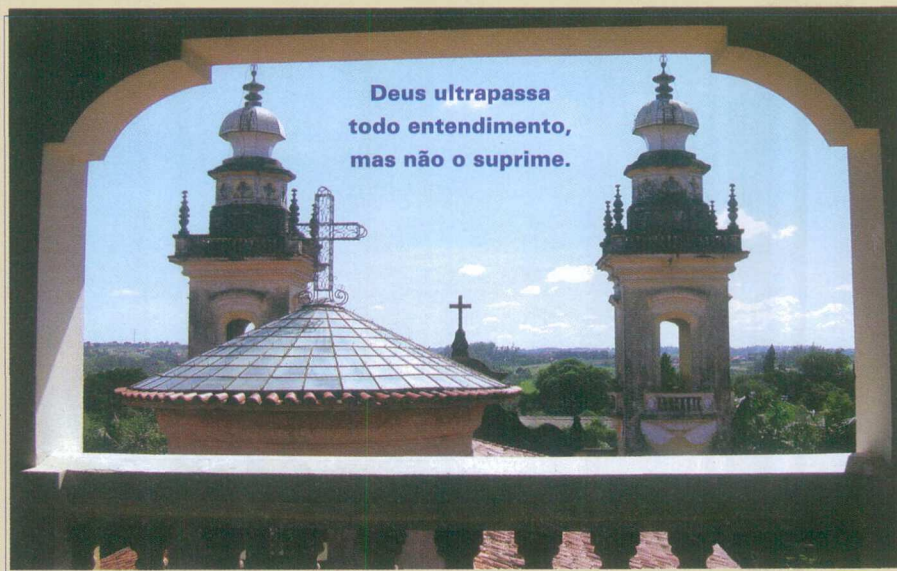


Foto: Avelino S. de Godoy


ligência dos “inteligentes”, daqueles que se ufanam de saber, que se comprazem no manejo de categorias racionais, que fazem da razão seu ídolo e da ciência que incha seu deleite, é condição para pensar o Deus da Revelação, objeto por excelência da Teologia. Para saber adequadamente de Deus, portanto, o teólogo tem que estar disposto primeiramente a não saber, ainda que saiba por que não sabe. Não fica, porém, o teólogo dispensado

gurar a transparência da fé à razão, através do instrumental científico e especulativo que maneja. Pois Deus ultrapassa todo entendimento, mas não o suprime. Eis por que o Deus verdadeiro, o Deus da revelação, pode e deve ser pensado com a razão, até o fim, sob pena de a fé e a vida eclesial se converterem em um mero repetir da fé no nível do emocional e do espontâneo. Ao risco, igualmente e não menor, de que o Deus

sobre quem se pensa e se fala não seja mais capaz de falar aos homens e mulheres, seus contemporâneos.

No fundo, a experiência da fé purifica a razão, no sentido de que lhe mostra, no interior mesmo de sua atividade rigorosa e teórica, a precariedade de suas conquistas, inseparável de sua dignidade. A experiência da fé vai permitir ao cientista de qualquer disciplina aventurar-se pelo verdadeiro conhecer e o verdadeiro saber que não releva apenas a razão, porque encontra sua origem em “outro” Saber ou no saber de Outro. Com mais razão ainda no caso da teologia, a qual, se é chamada a, com doçura e respeito, dar razão da própria esperança, deve fazê-lo a partir do que escuta na Palavra revelada e na expressão da experiência da fé dos homens e mulheres de ontem e de hoje.

Houve um tempo em que a teologia era estudada e aprendida quase que somente por clérigos e religiosos. Hoje em dia, é alentador ver que mais e mais leigos, ou seja, homens e mulheres que, na sua condição de batizados desejam conhecer melhor sua fé para dela poder dar razão no mundo em que vivem, procuram os cursos de teologia, a fim de neles aprofundar seu conhecimento da palavra de Deus e da doutrina da Igreja. No Rio de Janeiro, existem vários cursos de iniciação teológica, em diferentes paróquias. E também, na PUC, uma faculdade de teologia que oferece, além de um curso de graduação em nível de bacharelado, um programa de pós-graduação com mestrado e doutorado.

Aqueles e aquelas que desejam ardentemente conhecer melhor aquilo que amam e praticam em suas vidas, sejam religiosos ou leigos podem, portanto, procurar alguns desses centros a fim de descobrir que a fé tem suas razões... e que vale a pena conhecê-las melhor. www.users.rdc.puc-rio.br/agape. 

Maria Clara Lucchetti Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura.
www.users.rdc.puc-rio.br/agape

Senhora de Folgoët

Roque Vicente Beraldi

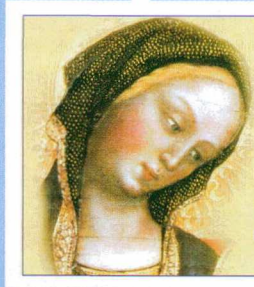
No departamento de Finistère, distrito de Brest, uma cidade fortificada na França, há uma aldeia de nome Folgoët que, por volta do ano 1350, possuía poucos habitantes. Pertencia ao Cantão Lesneven, era banhada pelo rio Abervrach e cercada de belo arvoredo, constituía-se um ameno recanto de veraneio.

Conta-se que um mendigo, de nome Salomão, vivia na mata próxima, um devotíssimo de Nossa Senhora, e, ao pedir esmolas, apenas dizia: “Ave Maria”. O povo o conhecia como “o louco”. Os pedaços de pão seco doados a ele, amolecia-os na água de uma fonte, perto de uma árvore, a cuja sombra descansava. Durante o inverno, subia e se acomodava em seus galhos.

Como todo devoto de Nossa Senhora, também ele, ao chegar no fim da sua vida, recebeu visitas de admiradores. No mesmo lugar onde o sepultaram, apareceu sobre a tumba, um lírio que desabrochou espalhando no ar um perfume agradável. Além disso, na pétala dessa flor, podiam-se ler, em letras douradas, as palavras “Ave Maria”. A fonte de abundante água, próxima ao seu sepulcro, foi encanada caindo numa grande bacia, lavrada na pedra. O povo agora chamava o mendigo de “louco santo” e, nesse mesmo lugar, resolveram edificar uma capela dedicada à Natividade de Nossa Senhora.

Em 1365, em ação de graças pela vitória alcançada em Auray, o duque Jean de Montford mandou construir,

em Folgoët, uma linda igreja em estilo gótico do século XIV. Os bretões afirmam que o altar fica sobre o túmulo do pobre Salomão, — o louco santo. A imagem de Nossa Senhora é rústica, burilada na pedra. A França a considera como um dos monumentos nacionais. Celebra-se a festa no dia 8 de setembro. Foi coroada em 1888. Ainda hoje, a igreja continua muito movimentada. Nos últimos anos, as peregrinações aumentaram.



A piedade popular ocorre para visitar o templo sagrado quer pela sua beleza quer para louvar a Rainha do céu, sob o título de Nossa Senhora de Folgoët, por ter agraciado um humilde devoto seu

com extraordinários favores. Ergueram-se, também, hospedarias e até um convento para cuidar da igreja e atender os inúmeros peregrinos.

Enriquecida pela exuberância da imaginação criadora do povo, esta lenda nos ensina que Maria nunca se deixa vencer em generosidade. Se lhe prestamos uma homenagem, ela nos fará o mesmo em dobro.

Oração

Abri, para os vossos servos e servas, os tesouros da vossa graça, ó Deus, e assim como a maternidade de Maria foi a aurora da salvação, a festa do seu nascimento aumente em nós o desapego aos bens deste mundo e a pureza, simbolizada pelo lírio sobre a sepultura do mendigo Salomão, para obtermos as virtudes que nos convêm para merecermos as amabilidades da mãe de Jesus. Pelo mesmo Cristo Senhor nosso. Amém.

Antigo conceito de revelação

José María Vigil

(Continuação)

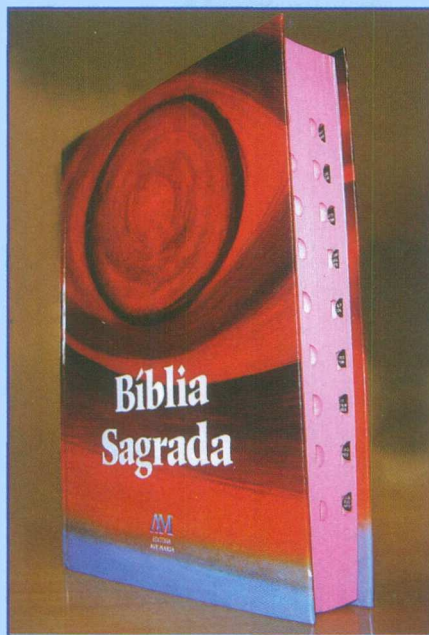
Quando alguns cristãos de hoje se opõem à posição pluralista (como os inquisidores do século XVI se opunham ao heliocentrismo), a causa principal era e continua sendo a Bíblia, a Revelação cristã: “foi Deus mesmo quem nos revelou a verdade, quem nos disse o que devemos crer, e essa Revelação é imutável”. Por isso, é muito importante fazer uma revisão do tema da Revelação, que está entre os próprios fundamentos de qualquer posição que se possa adotar, não só no campo da Teologia das Religiões, mas também no Tratado sobre Deus e na fé cristã como um todo.

Estamos no campo da revelação cristã que, sabidamente, tem na Bíblia sua expressão material máxima e seu ponto de referência. Poderíamos assinalar vários pontos como elementos-chave na visão clássica, pré-crítica (estudos novos), da revelação bíblica, que logo foram superados. Vamos descrevê-los a seguir:

• **A autoria de Deus entendida de maneira exagerada e unilateral.** A Bíblia seria a palavra “de Deus”, compreendida como não sendo obra dos seres humanos, um livro inteiramente divino, em nada humano. Nesta visão, embora não se queira dizer que seja um livro inteiramente “caído do céu”, afirma-se o equivalente a ter sido um livro inspirado por Deus aos seres humanos que o escreveram. Estes seriam instrumentos nas mãos de Deus. No auge desta interpretação, chegou-se a dizer que foi “ditado” por Deus. Na mentalidade popular, a Bíblia se reveste de uma áurea

mágica, às vezes fetichista: ver e tocar a palavra de Deus em um livro, nas próprias mãos, palavras capazes de falarmos também em nome de Deus, a nós mesmos, e a tentação de recorrer a ela para encontrar respostas fáceis para qualquer problema...

• **A exagerada verbalização que se apoderou da própria concepção da revelação bíblica,** apesar de que o Concílio Vaticano II recuperou a presença das “obras” no desenvolvimento da revelação (“A revelação se realiza por obras e palavras intrinsecamente ligadas”, *Dei Verbum*, 2). Esta concepção durou mais de mil e quinhentos anos e, no fundo, perdura no subconsciente coletivo cristão: a revelação, sobretudo, é palavra, com



tudo que ela carrega de verbalismo e conceitualismo, uma revelação entendida primordialmente como doutrina, verdades reveladas, “depósito” de verdades que se têm de preservar.

• **O biblicismo literal.** Ainda hoje, tem-se posto a Bíblia, a materialidade de seu texto, acima da realidade, fora da

história, além do humano, adornada de qualidades únicas como a “inerrância” (impossibilidade de conter algum erro), a infalibilidade... Quem se encontra nesta visão bíblica será capaz de tomar qualquer texto, tirá-lo do contexto, sem se perguntar sequer quando foi escrito, por quem, nem o que que quiz dizer o autor... senão, lê-lo diretamente, com toda ingenuidade pré-crítica e aplicá-lo em sua mais simples literalidade a qualquer situação humana...

• **A unicidade da Bíblia.** É outro elemento que não se aborda, não que seja consciente, mas que está presente na concepção fundamentalista da Bíblia: o que a Bíblia é, ela o é, sozinha. Não há nada igual ou semelhante no mundo. Só ela é palavra de Deus, e por isso merece nossa fé e obediência cega. Não pode haver “outra” palavra de Deus. Qualquer “outra” é falsa.

Esta unicidade, evidentemente, está baseada definitivamente na própria palavra da Bíblia, como “critério *a priori* interno” (tomado antes de qualquer outra verificação), ou como círculo vicioso argumental: a Bíblia é a palavra de Deus e o é somente porque nela está escrito... Paul Knitter insiste com freqüência que, quando se convidam alguns cristãos, que relutam em passar do inclusivismo ao pluralismo, para que expressem qual o motivo final de sua resistência, aparece como último argumento autoritário o da Bíblia e da tradição: “a Bíblia nos diz, sempre vivemos desse jeito, assim disseram nossos pais, assim nos manda pensar a Igreja”. Trata-se, como dissemos, de um círculo vicioso argumentativo, de uma compreensível resistência ao novo pensamento adulto e crítico.

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da Agenda Latino-americana-mundial. <http://servicioskoinonia.org/agenda>

A palavra é...

Esta seção é fonte de aprendizado. Em cada número, procura-se refletir e conhecer melhor o significado de palavras usadas no dia-a-dia da Igreja, cujo sentido nem sempre se sabe. Se o leitor desejar ampliar seu conhecimento sobre algum termo litúrgico, escreva-nos e publicaremos a explicação.

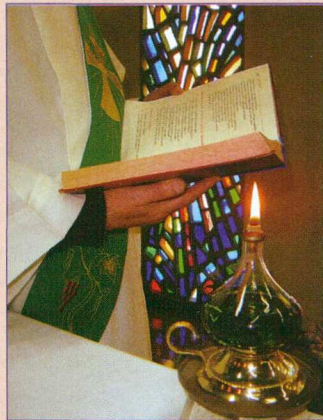
Luís Erlin,
Gostei muito do seu artigo do mês de agosto. A PALAVRA É... Sou voluntária desta Editora, gosto muito de divulgá-la. Continue. Parabéns pelos escritos!
Maria de Jesus, Instituto Pax
Gama, DF — 16/8/2004.

Elaborado por Luís Erlin


DIÁCONO

Palavra de origem grega: *diakonos*. Literalmente significa “servo” ou “ministro”. Diácono é aquele que está para servir. Todas as vezes que o Novo Testamento se refere a alguém que está fazendo um serviço, utiliza, no Grego, esse termo. Alguns exemplos: *Marta toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: “Senhor não te importas que minha irmã me deixe só a servir?”* (Lc 10,40); *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38); *Não são todos os anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação?* (Hb 1,14).

Nos Atos dos Apóstolos, a palavra “diácono”, aparece como um cargo, seria a pessoa reconhecida e habilitada para servir: *Naqueles dias, como crescesse o número dos discípulos, houve queixas dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas teriam sido negligenciadas na distribuição di-*



ária. Por isso, os Doze convocaram uma reunião dos discípulos e disseram: “Não é razoável que abandonemos a palavra de Deus, para administrar. Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste ofício” (At 6,1).


Depois que o Concílio Vaticano II restabeleceu o diaconato como grau próprio da hierarquia, houve um ressurgir desse cargo. A grande novidade foi uma volta ao princípio da Igreja, com os *diáconos permanentes* – homens casados, ou não, que recebem o primeiro grau da ordem, por vocação. *Cabe aos diáconos, entre outros serviços, assistir ao bispo e aos padres na celebração dos divinos ministérios, sobretudo a Eucaristia, distribuir a Comunhão, assistir ao Matrimônio e abençoá-lo, proclamar o Evangelho e pregá-lo, presidir funerais e consagrar-se aos diversos serviços da caridade* (CIC, 1570). 

DECÁLOGO

Literalmente significa “dez palavras”: *Moisés ficou junto do Senhor quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. E o Senhor escreveu nas tábuas o texto da aliança, as dez palavras* (Ex 34,28); *Ele deu-vos a conhecer a sua aliança, e ordenou-vos que a observásseis: as dez palavras que escreveu nas duas tábuas de pedra* (Dt 4,13). As “dez palavras” foram reveladas por Deus ao seu povo no monte sagrado: *Tais são as palavras que no monte, do meio do fogo, da nuvem e das trevas, o Senhor dirigiu com voz forte a toda a vossa assembléia, sem juntar mais nada. E escreveu-as em duas tábuas de pedra, que me entregou* (Dt 5,22).

O Decálogo deve ser entendido em primeiro lugar no contexto do êxodo, que é o grande acontecimento libertador de Deus no centro da Antiga Aliança. Formulados com preceitos negativos, como proibições, ou como mandamentos positivos (como: “honra teu pai e tua mãe”),

as “dez palavras” indicam as condições de uma vida liberta da escravidão do pecado. O decálogo é um caminho de vida: se amares teu Deus, se andares em seus caminhos, se observares seus mandamentos, suas leis e seus costumes, viverás e te multiplicarás (Dt 30,16). (CIC, Código de Direito Canônico, 2057)

Santo Irineu, escreveu sobre o decálogo: “O Senhor, prescreveu o amor para com Deus e ensinou a justiça com o próximo a fim de que o homem não fosse injusto nem indigno de Deus. Assim, pelo Decálogo, Deus preparou o homem para se tornar seu amigo e ter um só coração para com o próximo... da mesma forma, as palavras do decálogo continuam válidas entre nós [cristãos]. Longe de serem abolidas, elas foram levadas à plenitude do próprio significado e desenvolvimento pelo fato da vinda do Senhor na carne”. 



Nossos estilos comunicativos

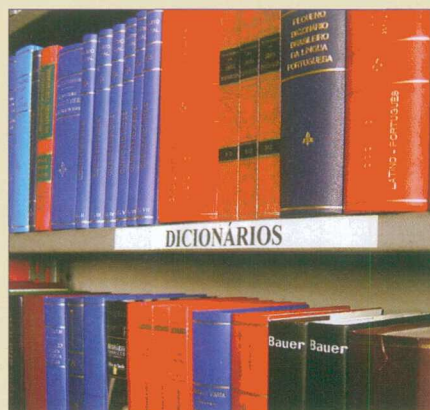
Francisco Gomes de Matos

O estilo comunicativo de Cristo era compassivo, concreto (usou parábolas) e corajoso. Serve-nos de inspiração.

Comunicação: um ou vários estilos?

Embora o termo *estilo* dê a impressão de que se trata de algo singular, na verdade trata-se de um conjunto de maneiras pelas quais nos comunicamos. Assim, uma pessoa aciona diversos *estilos comunicativos*, ao falar, ao escrever, ao usar língua de sinais (caso de surdos). Essas maneiras de comunicar refletem crenças, atitudes, expectativas, necessidades, interesses, conhecimentos culturais e interculturais, influências recebidas no lar, no emprego, na escola, na comunidade (através da mídia), para citar alguns dos fatores que podem contribuir para nossos modos de interagir linguisticamente.

Dentre as áreas que pesquisam estilos comunicacionais, destacam-se a Comunicação, a Retórica, a Estilística, a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada. Uma consulta ao livro *How different are we? (Somos diferentes até que ponto?)*, de autoria da interculturalista australiana Helen Fitz Gerald e publicado pela editora Multilingual Matters em 2002, dedica um capítulo a uma revisão da literatura sobre o referido assunto. Ali, são apresentados pares de estilos comunicativos: *direto/in-*



direto, eloqüente/simples, objetivo/subjetivo, efetivo/afetivo, entretanto, divisões como essas podem dar uma idéia equivocada de nossos atos comunicativos, por isso, recomendamos adotar-se o conceito de *contínuo* e, assim, adotarmos um estilo comunicativo muito direto, bastante direto, mais ou menos direto, indireto, bastante indireto, muito indireto.

Identificação de estilos: frases exemplificativas

Em oficinas pedagógicas sobre Comunicação Construtiva, costumo desafiar os participantes a relacionarem frases do cotidiano a respectivos (possíveis) estilos comunicativos e, em seguida, sugerir outros exemplos dessa fra-seologia. Como elemento sistematizador e facilitador, apresento uma lista ampliada de estilos comunicativos, reproduzida a seguir: ESTILO amistoso, cordial, criativo, direto, egocêntrico, empático, eufemístico, evasivo, franco, implícito, minimizador, óbvio, otimista, pacífico, pessimista, tendencioso.

Você costuma prestar atenção aos estilos comunicativos das pessoas com quem interage? Quais as maneiras construtivas, positivas, humanizadoras empregadas e as não-humanizadoras? E seus estilos ou modos de comunicar: priorizam mais a comunicação para o bem (pessoal, grupal, comunitário)?

Fique atento(a) às pessoas *comunicativamente exemplares* e desafie-se a também ser modelar, como usuário(a) de língua portuguesa. Humanizadamente exemplar, pois esse sistema de comunicação pode ser uma grande força construtiva, a serviço da dignidade humana. Em suma, faça sua parte, e adote estilos valorizadores da vida em comunidades, buscando o bem comum, fortalecendo a esperança e a fé.



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

A QUE ESTILO PODERIA CORRESPONDER CADA UMA DAS FRASES ABAIXO? (com base nas opções apresentadas, a critério dos leitores)

- Você não entende nem coisas mais elementares, imagine compreender esse comentário...
- Você está saindo pela tangente... Deixe de rodeios...
- Aquelas pessoas são economicamente desfavorecidas.
- Aquela pessoa usa palavras demais...
- Isso que lhe aconteceu, dá mesmo para desanimar, não é?
- Em seu lugar, agiria do mesmo modo.
- Por que você não abre o jogo e diz logo o que pensa?
- Está fazendo pouco caso de mim?
- Vamos direto ao assunto.
- Mulher sofre muito mais humilhação do que homem.
- Você não está trazendo dados novos sobre o problema. Tudo isso já é sabido.
- Louvo a maneira de lidar com essa questão: vai ajudar a encontrarmos uma solução.
- Por que você está sendo tão incisivo em seu comentário?
- O que você está dizendo não é fato: é opinião.
- Isso que você acaba de dizer não foi explicitado no documento...





Novos dirigentes dos claretianos no Brasil

Os Claretianos (Missionários Filhos de Imaculado Coração de Maria), pertencentes à Província do Brasil Meridional: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, parte de Goiás e Mato Grosso, realizaram o 18º Capítulo Provincial dos dias 12 a 17 de julho de 2004, em Brodowski, SP.

Capítulo provincial é a reunião mais importante de uma congregação religiosa, composto pelos responsáveis de todas as casas pertencentes àquela província (região eclesiástica) e por outros tantos representantes previamente designados por todos os membros das comunidades. O objetivo é avaliar as atividades e trabalhos pastorais e de evangelização nos últimos três anos; eleger um novo governo provincial e programar o novo período futuro de três ou mais anos. Os capítulos procuram apoiar-se na espiritualidade apontada pela Sagrada Escritura, nas constituições e documentos da própria congregação e nas diretrizes da Igreja no Brasil.


Neste 18º Capítulo Provincial, o documento mais inspirador foi o elaborado no último Capítulo Geral da Congregação, (o XX), realizado em Roma, intitulado "Para que todos tenha vida" (Jo 10,10). Em Brodowski, mais de 50 propostas foram apresentadas para superação dos desafios detectados e que deverão ser enfrentados nos próximos seis anos.

Entre elas, seis prioritárias: • organizar-se melhor, para alcançar mais eficiência nas atividades apostólicas, revendo os objetivos missionários das atuais; • cultivar a própria vocação com fidelidade ao espírito profético anunciado no



Fotos: Cláudio Gregorini

Evangelho e nas Constituições da Congregação; • renovar o compromisso de solidariedade com os pobres, excluídos e os ameaçados no seu direito à vida; • aprimorar os trabalhos na Pastoral Juvenil Vocacional e assegurar melhor discernimento e consistência vocacional; • garantir um permanente crescimento no processo formativo para formandos e formadores; • sustentar um modelo participativo de responsabilidade na comunhão e gestão de bens (entre as comunidades dos missionários e na opção pelos pobres e excluídos).

O novo governo da Província Meridional dos Claretianos, assim ficou constituído pelos padres (na foto, acima, a partir da esquerda): Luiz Claudemir Botteon, 44, diretor administrativo das Faculdades Claretianas, **prefeito de economia**; José Valentim de Carvalho, 42, professor de Filosofia, **prefeito de vida religiosa**; Jaime Sanches Bosch, 60, professor de Sagrada Escritura, **provincial**; Oswair Chiozini, 59, anterior provincial, **vice-provincial** e **prefeito de espiritualidade**; Marcos Aurélio Loro, 39, pároco da Igreja Coração de Maria, Curitiba, PR, **prefeito de apostolado**. (P.C.G.) 

Claretianos em números		
	No mundo	Na província
Bispos	15	
Sacerdotes	2.020	77
Irmãos professos	265	9
Diáconos permanentes	3	
Noviços	136	3
Estudantes	636	
Estudantes Teólogos		12
Estudantes Filósofos		17
Casas (residências)	429	18

Fontes: Catálogo CMF, 2000 e Calendário Social Religioso da Província Meridional do Brasil, 2004.



Grupo dos capitulares reunidos em Brodowski para o 18º Capítulo Provincial de 2004.

Claret, ontem e hoje

uma vida para comunicar a verdade

Que todos tenham vida e em abundância (Jo 10,10)

Oswair Chiozini

Comemora-se a festa de Santo Antônio Maria Claret, no dia 24 de outubro.

Ele afirmava que: “Jesus Cristo, é o caminho, a verdade e a vida”.

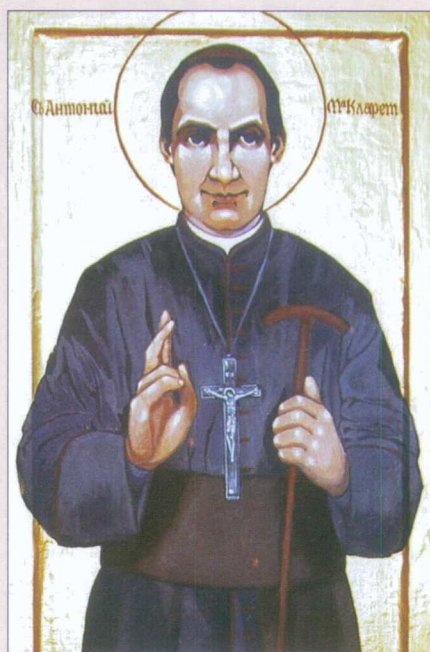
Era um apaixonado por ele, por sua Palavra. Por isso, propôs-se a proclamá-la a todos os povos e de todas as maneiras possíveis.

A imprensa foi seu maior empenho, apesar das dificuldades técnicas de sua época.

Na manhã de 25 de fevereiro de 1934, em Roma, por ocasião da beatificação do padre Claret, o papa Pio XI pronunciava estas palavras: “Temos um novo beato... apóstolo incansável... e organizador moderno... particularmente da imprensa... Havia compreendido o imenso valor dela. Para as máquinas modernas, para o livro, para o jornal, todos os sacrifícios eram poucos, segundo ele. E, mais ainda, era um escritor muito fecundo... É uma coisa especial, talvez única; o amor pela grande difusão, pelos opúsculos, pelos folhetos, pelas folhas volantes...; queria que a imprensa chegasse a todo lugar e a todas as pessoas” para anunciar esta verdade: Jesus Cristo.

Quem foi Claret?

Um tecelão de Sallent. Nasce nessa mesma cidade, Espanha, no ano de 1807, num lar humilde. Seu pai possui um modesto tear. Nele, trabalha o jovem Antônio que se torna um hábil operário. É,



Antônio Maria Claret, pintura de Andrei Andreichenko, estudante claretiano russo, de São Petersburgo.

sobretudo, um cristão exemplar. Os pais dão o exemplo de fé firme e piedade, herdadas das antigas famílias espanholas. Aos cinco anos — conta em sua autobiografia —, o problema da eternidade era uma profunda preocupação. Aqui começa sua santidade e seu zelo apostólico: “salvar a alma, salvar as almas”. Aos 22 anos, manifesta-se uma vocação, queria ser sacerdote, mas itinerante, apóstolo peregrino, missionário entre o povo.

No início, foi pároco em Viladrau, Espanha. Entretanto, parece que tinha brasas no peito e seus pés se moviam como asas. Não houve, em toda a Catalunha, caminho que ele não tivesse percorrido, naqueles primeiros sete anos de sacerdócio. Caminhava a pé, sob sol ou

chuva, açoitado pelos ventos ou entre nevascas, por campos nevados, com humilde e única batina e um grosso e surrado capote. Em uma mão, uma vara dava-lhe firmeza aos passos; na outra, um grande lenço guardava alguma coisa para comer e umas poucas peças de roupa. Em seguida, a pregação inflamada e avassaladora, igrejas abarrotadas, conversões sem conta e multidões atrás dele.

Ativo propagador da fé

Nessa época, Antônio Maria Claret faz algumas fundações. Primeiramente, a Livraria Religiosa, em Barcelona. Queria inundar a Espanha de livros e folhetos para pessoas simples e para mentes cultas. Difundir a verdade de Deus em todos os estilos. No primeiro ano, edita 127 mil volumes. Nos oito meses seguintes, 200 mil. Depois, a cada ano, não baixava de meio milhão. Nos dezenove primeiros anos, alcançou a cifra de 9.569.800 exemplares. A maior parte distribuída pessoalmente e sempre de graça. Era um apaixonado pela divulgação religiosa.

Multiplicador de missionários

No dia 16 de julho de 1849, em Vic, Espanha, funda a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Missionários Claretianos). Queria dar continuidade a essa obra apostólica, deixar herdeiros e apóstolos de sua profunda devoção ao Coração da

Mãe de Deus. Hoje, a Congregação está presente em todo o mundo, 63 países dos cinco continentes.

Arcebispo de Cuba

Antônio Maria Claret, por obediência à Igreja, deixou a Espanha e veio para a América. Com carinho, cultivou esta “vinha jovem”, como gostava de chamá-la. Por sete anos, foi arcebispo de Santiago de Cuba. Sua caridade era imensa, principalmente com os pobres. Ele introduziu em Cuba as “Caixas de Poupança”; fundou também uma grande Casa de Beneficência, onde os internos aprendiam ofícios diversos; ali foi instalada uma Granja Modelo, para desenvolver vários projetos de agricultura. Para este fim, redigiu duas obras: *Reflexões sobre a agricultura* e *As delícias do campo*.

Confessor da rainha

Em 1857, Isabel II da Espanha, escolhe-o para ser o seu confessor. Cansada de tantas intrigas e decepcionada com tantas deslealdades, necessitava de alguém em quem pudesse confiar e com quem pudesse se aconselhar. Ninguém melhor do que um santo. Porém, para os políticos da época, esta escolha não lhes era conveniente, houve grande oposição. Isabel, entretanto, manteve-se firme. Claret exerceu o cargo com zelo e discrição. Soube falar à rainha com cristã liberdade. Não se meteu na política e orientou-a para que agisse de acordo com sua consciência. A Corte espanhola floresceu, então, em piedade e bons costumes. Na revolução de 1868, foi quase o único que acompanhou a “rainha do triste destino”, o desterro.

Este homem, que doou sua vida servindo a Deus e ao próximo, foi furiosamente odiado e perseguido. Não se compreende como os inimigos chegaram a tanto: sátiras de mau gosto, piadas grosseiras, irreverentes caricaturas, escritos



e gravações pornográficas, agressões espalhadas por toda parte — artigos de jornais, versos e canções populares, textos claretianos maldosamente falsificados, rumores profusamente difundidos. Até caixas de fósforo serviam como veículo para toda essa maldade. Foi tanto o ódio, que acabou sendo desterrado para a França. Assim mesmo, não teve sossego. Ancião e muito doente, buscou refúgio na Abadia de Frontfroide.

Assim morreu Padre Claret, em terra estrangeira, longe da pátria, confortado com

a presença e o carinho de seus filhos-irmãos de congregação, e a hospitalidade dos monges cistercienses. Sobre sua sepultura, como epitáfio, grafaram as conhecidas palavras do papa São Gregório VII: “Morro no desterro por ter amado a justiça e odiado a iniquidade”.

Hoje, a generosidade de Claret resplandece em todos os lugares, ao ter sido canonizado por Pio XII, no dia 7 de maio de 1950.

Elaborado por Oswaiz Chiozini, missionário claretiano, São Paulo, SP.

Lançamento

Santo Antônio Claret por ele mesmo

tradução e adaptação de Pe. Elias Leite, cmf

Tive a ousada vontade de traduzir em nossa língua, a vida deste santo, não para arquivos, estudos ou biblioteca, mas que fosse das livrarias para o povo simples ou erudito, visando principalmente o jovem. Claret é um santo da juventude, que muito escreveu para os jovens na idade e no espírito, sem os esperar ou dissociar do povo, tão popular que foi.

Editora Ave-Maria - Televendas 0800 77 30 456 - www.avemaria.com.br

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



Como é o olhar de Jesus?

31.º domingo do Tempo Comum

31 de outubro

INTRODUÇÃO

Para quem tem o olhar de Jesus, não existem casos impossíveis nem pessoas irreversíveis. Por acaso, duvidamos que a palavra de Deus possa operar mudanças, também em nossos dias, como aconteceu no tempo de Jesus?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: Sb 11,22 — 12,2

Deus tem piedade de todos nós, porque tudo está em suas mãos, fecha os olhos aos nossos pecados para que nos arrependamos. Assim procedendo, demonstra que tem compaixão de nós, porque é todo-poderoso; esquece-se de nossos pecados e não despreza ninguém.

Diante desse exemplo do Criador, podemos odiar alguma coisa ou alguém? Nosso olhar, às vezes, é cruel. Só observamos os defeitos, os limites, os aspectos negativos das pessoas.

Somos intolerantes com os que erram, ofendemos quem pensa ou age de maneira diferente de nós porque desconhecemos que o caminho do amadurecimento passa também pelos erros.

Uma mãe, diante de um filho con-

denado porque cometeu um crime, sempre consegue descobrir nele a parte boa, enquanto os outros, cegos pelo desejo de vingança, só enxergam o mal. Queremos destruir o homem mau porque não temos os olhos de Deus.

Salmo de meditação: 144 (Refrão:

Que as vossas obras vos celebrem, Senhor!) Tudo o que Deus criou é bom. Ele ama todas as criaturas, pois, se assim não fosse, nem as teria criado. Poderemos, então, odiar alguma coisa ou alguém? Ao contrário de nós, *o Senhor sustenta os que vacilam e levanta quem caiu.*

2.ª leitura: 2Ts 1,11 — 2,2

Paulo escreve aos cristãos de Tessalônica e lhes recomenda muita atenção para não se deixarem iludir por fanáticos que, em vez de anunciar o Evangelho, assustam a comunidade contando visões e inspirações pessoais.

Também em nossos dias, aparecem, de vez em quando, alguns visionários alucinados; outros, levados por uma interpretação da Bíblia, ao pé da letra, anunciam como iminente o fim do mundo, inquietando as pessoas.

O Apóstolo afirma que o importante é viver bem o momento presente, testemunhando amor aos que nos são próximos. Com que olhos observamos os que estão ao nosso lado? É verdade que têm suas limitações, mas também boas qualidades. Por que só observamos e sublinhamos o aspecto negativo?

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *O Espírito do Senhor está sobre mim, e enviou-me para levar a boa nova aos pobres* (Is 61,1). Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lc 19,1-10

O episódio de Zaqueu é precedido da narrativa da cura de um mendi-

go cego (cf. Lc 18,35-43). Os dois fatos têm algo em comum: “ver” ou “não ver”.

Zaqueu, por ser chefe dos publicanos, tem consciência de ser excluído pelos judeus pelo fato de ser considerado impuro. Mas, assim mesmo, quer “ver” aquele que tem condições de compreender o seu drama interior: *não obstante ter tudo na vida, estava insatisfeito.*

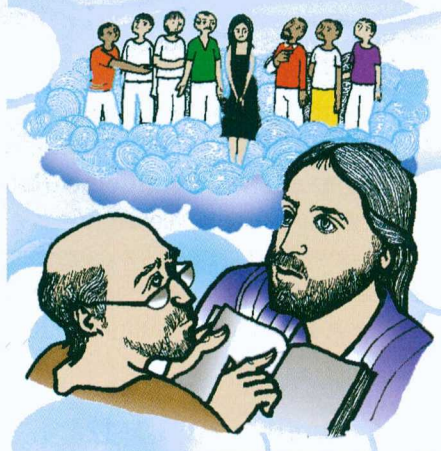
Outro elemento comum aos dois: a multidão repreendia o cego para que se calasse e esta mesma multidão impedia Zaqueu de ver Jesus, por ser de pequena estatura. Ambos, porém, reagem: o cego gritava ainda mais forte para que Jesus o curasse; Zaqueu, sem se importar de se expor ao ridículo, sobe numa árvore para ver Jesus.

Ninguém, na multidão, chamou aquele homem pelo nome porque ele era considerado “impuro”. Jesus, ao contrário, diz-lhe: *Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique em tua casa* (v.5). Para Jesus, aquele publicano era “puro” e, também, filho de Abraão.

É assim que procedemos com os excluídos de nossos dias, a começar por nossa casa? Procuramos pelos filhos que se afastam? De que maneira? Fazendo-lhes “sermões”? Jesus convidou Zaqueu para uma festa. E só. Quando Zaqueu descobriu que Deus o amava gratuitamente, decidiu amar os outros: *Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e restituirei quatro vezes o que tiver roubado...*

REFLEXÃO

Continuamos definindo as pessoas somente por seus defeitos? Anunciamos o evangelho do medo, do pavor de Deus? Isolamos quem erra não lhe dirigindo a palavra? Podemos também afirmar que *procuramos e salvamos quem está perdido?*



Vencer os sinais de morte!

Comemoração de todos os fiéis (II missa)
2 de novembro

INTRODUÇÃO

“Já passei da garantia” — dizia uma senhora de 70 anos — “agora quero aproveitar o pouco tempo que me resta para gozar bastante a vida, passear, freqüentar bons restaurantes...” Será isso o verdadeiro sentido da existência?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: Is 25,6-9

Lemos nas Sagradas Escrituras que o sábio não se deixa seduzir por falsas propostas (Sb 2,6-9) e, em face do acontecimento inevitável da morte, dirige ao Senhor esta madura invocação: *Ensinaí-nos a bem contar os nossos dias, para alcançarmos o saber do coração* (Sl 89,12).

Nossa leitura começa com o anúncio prazeroso de um banquete: Deus preparará uma esplêndida festa no monte Sião, na grande esplanada onde se eleva seu templo santo. Por que isto? Porque Deus é o *Senhor da vida* e da alegria e destruiu também o último inimigo, o mais terrível: a morte.

O profeta falava claramente dos tempos messiânicos. Queria acentuar que, com a vinda do Messias, toda situação de “morte” seria transformada. Hoje, significa não aceitar os sinais de morte: desemprego, violência, corrupção, opressão, fome, analfabetismo... Todos podemos lutar contra esses males, mesmo que estejamos numa cama de hospital ou privados da liberdade física. A grande “morte” é ignorar a presença educadora de Deus na história e na humanidade, isto é, o amor é que dá sentido à vida.

Salmo de meditação: 24. Refrão: *Quem espera em vós, Senhor, não será enganado.* O salmista ora para aprender a caminhar na obediência à vontade do Senhor; é feliz porque está sempre disposto a seguir, confiante, seus planos, mesmo quando for preciso esperar contra toda a esperança, pois Deus só quer o seu bem: *Dirigi-me na vossa verdade e ensinai-me, porque sois o Deus de minha salvação e em vós eu espero sempre* (v.5).

2.ª leitura: Rm 5,5-11

Essa esperança não nos engana, afirma Paulo, dirigindo-se aos cristãos de Roma. Nada pode destruir nossa alegria porque não está fundada em nossas boas obras, capacidade, ou fidelidade, mas sim no amor incansável e incondicional de Deus.

Ele concede os benefícios a todos, gratuitamente, porque nenhum de nós está em condição de os merecer. Não abandona, não rejeita, nem pune quem se afasta dele. Não desanima diante de nenhum obstáculo, não faz as coisas pela metade, nem se abate diante da nossa infidelidade, leva sempre e continuamente a cumprimento sua obra.

O amor de Deus — diz Paulo — não é fragil, inseguro como o nosso. Nós somos capazes de amar só os amigos. Mas Deus ama até o ponto máximo:

ama seus inimigos. Não é possível que nossos pecados possam ser mais fortes que o amor de Deus: *Se formos infiéis... ele continuará fiel porque não poderá negar-se a si mesmo* (2Tm 2,13).

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o Reino, preparado para vós desde a origem do mundo* (Mt 25,34). Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lc 7,11-17

Dois cortejos se encontram. O primeiro é composto por pessoas serenas que seguem com passo decidido o Mestre, aquele que leva para a vida. No segundo, todos estão tristes, choram desesperançados, caminham lentamente e de cabeça baixa, nada podem fazer senão lamentar.

Em Naim, Jesus adianta-se e pronuncia as palavras de ressurreição sem que ninguém lhe peça. Age de forma gratuita e não impõe condições.

Quantas vezes, constatamos situações de morte em nossa casa, em nosso bairro e nada fazemos. Nossa vocação cristã exige, antes de tudo, ter olhos abertos à realidade e descobrir a vontade de Deus à nossa volta e nos sinais do tempo. A consciência e a decisão de seguir Jesus Cristo — ser batizado — têm o sentido de acompanhá-lo para aprender com ele o sentido e o valor da vida, à nossa volta. Anunciamos o que o Deus da vida faz por meio de Jesus: introduz as pessoas no mundo *novo*, dá-lhes sua própria vida.

REFLEXÃO

Nós, cristãos, como reagimos diante dos sinais de morte? Com indiferença? Ou com sensibilidade e disponibilidade? Acreditamos no amor incondicional de Deus para conosco? Em que cortejo nos colocamos?



Santidade: dom gratuito de Deus!

Todos os santos
7 de novembro

INTRODUÇÃO

Todas as pessoas, homens e mulheres, são chamadas pelo Criador para serem santas, independentemente de religião e de raça. O primeiro convite de Deus para a santidade é feito através do dom da *vida*. Nossa felicidade consiste em amar esse dom, primeiramente em nós e, depois, como consequência, nos outros.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: Ap 7,2-4.9-14

A santidade não é, portanto, fruto de nosso esforço, de nossas forças mas resposta à iniciativa divina, dada por *todas as nações, tribos, povos e línguas, uma multidão que ninguém podia contar* (v.9).

Para ajudar em nossa meditação, deveremos nos lembrar de que esta página foi inicialmente escrita para os cristãos perseguidos. Mas este trecho serve para nós também porque nos esclarece os enigmas mais profundos que levamos no coração: de onde venho, para onde vou, que sentido têm a ale-

gría e a dor, a vida e a morte? E depois da morte?

As respostas, vamos buscá-las na reflexão sobre o dom da vida. Deus nos criou por amor. A primeira coisa que devemos fazer é amar esse dom que nos foi dado. Amar-nos a nós mesmos, em resumo, consiste em perdoar sempre. Querer bem a nós mesmos, perdoar-nos, aceitarmo-nos como somos.

A partir daí, teremos base sólida para lutar contra os sinais de morte à nossa volta: doenças, ignorância, abandono, solidão, fadiga, dor, traições, maldade, injustiças, opressão, fome...

Salmo de meditação: 23,1-2.3-4ab.5-6 (Refrão: *Felizes os de coração puro, porque verão a Deus*). Depois de nos amarmos, poderemos lutar por nossos irmãos: *quem não jura para enganar seu próximo, este alcançará do Senhor a bênção e justiça de Deus, seu salvador* (vv.4-5).

2.ª leitura: 1Jo 3,1-3

Dirigindo-se aos cristãos, João fala desse outro chamamento, a vida divina que recebemos no batismo, dom gratuito de Deus também.

O Pai não aguarda o dia de nossa morte para dar-nos essa vida divina, ele no-la dá já hoje. Todavia essa nova realidade que existe em nós só se manifestará quando for tirado o véu que é constituído pela nossa condição terrena. Isso acontecerá quando *ele se manifestar e nós seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal qual ele é* (v.2).

Falando com Nicodemos, Jesus comparou a vida divina com o vento que não se sabe de onde vem nem para onde vai; existe, notam-se os sinais que manifestam sua presença, mas não pode ser visto com os olhos.

Ainda que não possa ser verificada com os sentidos, sua presença não passa despercebida porque produz sinais claros que todos podem constatar.

Será que os outros descobrem em nossos atos (em casa, no trabalho), a presença da vida de Deus em nós?

Aclamação ao Evangelho (Mt 11,28): Aleluia, aleluia, aleluia. *Vinde a mim, todos vós que penais e carregais os vossos fardos; e eu vos darei repouso, diz o Senhor*). Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mt 5,1-12a

Em primeiro lugar, é necessário manter olhos, ouvidos e coração abertos às sabedorias e “bem-aventuranças” que entesouram as diversas culturas e as diferentes religiões. São sementes do único Criador que o Espírito semeia e faz crescer onde quer. Conhecer, apreciar e compartilhar tudo isso, é participar na manifestação e no crescimento do Reino de Deus. Cristo não põe fronteiras à felicidade. Todos são chamados a ela.

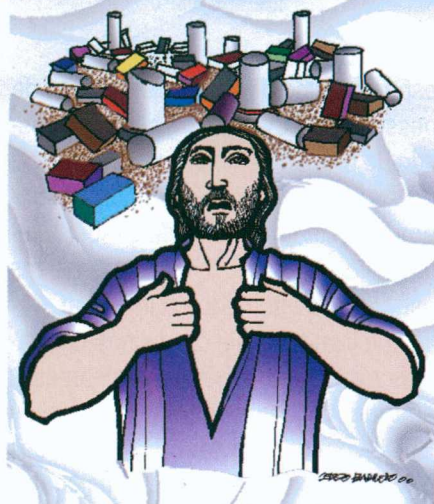
Nossa felicidade de cristãos, implica três fatores: ter um futuro diante de nós: sermos felizes por causa do futuro que se abre para nós; preencher certas condições, isto é, encontrarmo-nos em situações de pobreza material ou espiritual, de privações, mas sem usar da violência e não ter falsidade no coração; e por fim acreditar que a vinda de Jesus muda tudo, não somente na história, mas na vida de cada um de nós.

Exemplo dessa mudança eficaz é o exemplo de acolhida e disponibilidade à palavra de Deus como Maria, mãe de Jesus, nossa mãe e mestra.

REFLEXÃO

Temos coragem de dizer que nos amamos e, por isso, perdoamos a nós mesmos e aos outros? As pessoas mais chegadas percebem a ação transformadora da vida divina em nós? Podemos afirmar que possuímos a felicidade de que fala Jesus?





Fim do mundo do pecado

33.º domingo do Tempo Comum
14 de novembro

INTRODUÇÃO

O fim do mundo de que se fala, hoje, é o extermínio do mundo do pecado. Sabemos que este “mundo novo” já começou no momento da morte e da ressurreição de Cristo. Cabe-nos, porém, lutar para sua realização plena.

1.ª leitura: Malaquias 3,19-20a

Infelizmente, há quem pense que para colocar um freio à imoralidade avassaladora dos nossos dias, o remédio mais eficaz é ameaçar com a catástrofe final.

Estas profecias têm um sentido completamente diferente. A “terrível ira de Deus” não significa senão o “o seu imenso amor” e não se desencadeia contra os pecadores, mas contra os pecados.

Portanto, o “fogo” não é dirigido contra as mulheres e os homens, mas contra tudo o que destrói o homem: a injustiça, a inveja, a ganância de enriquecer exclusivamente para si, o ódio, a violência.

A mensagem desta primeira leitura

não é para nos inculcar medo, mas consolo e esperança. O “fogo” que destruirá todo o mal já foi aceso: é o Espírito que nos foi enviado por Jesus, é a sua Palavra, é o seu Evangelho que já começou a renovar a face da terra.

Em que bases, educamos nossos filhos? Metendo-lhes medo, ameaçando-os com castigos? Ou mostramos-lhes o erro, que deve ser corrigido, com perseverança e estímulo nosso?

Salmo de meditação: 97,5-6.7-8.9a.9bc (Refrão: *O Senhor julgará os povos com justiça*). Toda a natureza, mulheres e homens, são convidados a louvar a Deus pela vitória contra o pecado, o ódio e a injustiça. O louvor de Deus ressoa no tempo e no universo.

2.ª leitura: 2 Tessalonicenses 3,7-12

Alguns cristãos da comunidade de Tessalônica, interpretaram erradamente as profecias sobre o fim do mundo. Alguns até fanáticos afirmavam que este mundo estava quase chegando ao fim e que Jesus estava prestes a voltar para dar início a um mundo novo, a uma humanidade nova.

Convencidos por essas idéias, não queriam mais trabalhar. Sem nada para fazer, passavam o tempo em mexericos, introduziam-se em assuntos que não lhes diziam respeito, viviam às custas dos outros, perturbando bastante quem não pensava como eles.

Paulo intervém, desaprovando essa maneira de interpretar as Sagradas Escrituras. Em conseqüência, mostra-lhes que sempre trabalhara com as próprias mãos, provendo seu sustento.

Esse perigo continua presente em nossos dias. Trata-se da sedução representada por aqueles que prometem soluções fáceis, imediatas e milagrosas para todos os problemas. O “mundo novo” deve ser construído aos poucos, com muita paciência, com muita tolerância e com muitos sacrifícios... e

deve começar dentro de cada um de nós.

Aclamação ao Evangelho (Lucas 21,5-19): Aleluia, aleluia, aleluia. *Vigiai e ficai preparados, porque não sabeis o dia em que virá o Senhor.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lucas 21,5-19

Lucas concluiu seu Evangelho mais ou menos na mesma época em que Paulo escreveu a Segunda Carta aos Tessalonicenses, ou seja, cinquenta anos depois da morte e ressurreição de Jesus.

A preocupação de ambos era idêntica: evitar que suas respectivas comunidades se deixassem levar por fanáticos que atribuíam a Cristo alguma profecia que, na verdade, eram hipóteses extravagantes e invenções.

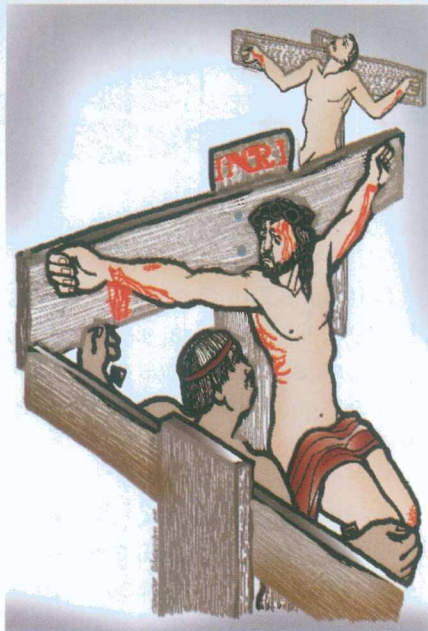
O evangelista convida seus cristãos a abandonar aquelas pessoas e refletir, ao contrário, sobre a única coisa que lhes devia interessar: o que fazer, concretamente, para colaborar com o advento do mundo novo, do reino de Deus.

Em nossas comunidades, há ainda quem se iluda dando ouvidos a fábulas e histórias de visionários? Há ainda alguém que acredita mais em revelações privadas do que na Palavra do Evangelho?

Não se perderá um só cabelo de vossa cabeça não deve ser entendido como se nós, discípulos de Cristo, estivéssemos livres de dificuldades e perigos. Jesus, porém, garante: não obstante as aparências contrárias, o reino de Deus continuará crescendo.

REFLEXÃO

Condenamos o erro ou quem erra? Cultivamos dentro de nós o mundo novo do perdão e da misericórdia? Quando enfrentamos dificuldades, estamos certos de que a libertação do pecado se aproxima?



Vitória do amor

Festa de Cristo Rei

21 de novembro

INTRODUÇÃO

O reinado do Messias se constrói neste mundo mediante obras de amor em benefício do ser humano. Eis também seu programa.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: 2Samuel 5,1-3

Davi tinha sido um simples pastor de ovelhas, em Belém. Desde jovem, mostrara poder de liderança. Impressionados com sua capacidade, os membros da tribo de Judá proclamam-no rei. Mais tarde, Davi morre e tem, como sucessor no trono, seu filho Salomão. Este consegue manter unido o reino do seu pai, mas, sem demora as tribos se separam de novo, e Israel volta a ser um povo insignificante, objeto de escárnio das grandes nações vizinhas.

Reconstruir um dia o grande reino de Davi, tornar-se dominador do mundo, eis o grandioso sonho dos israelitas no tempo de Jesus. Por isso, todos os dias, imploram para que o Senhor envie o seu Messias. Por que nos é proposta esta narrativa na primeira leitura da festa de Cristo Rei? É muito fácil entender: porque Jesus

é a resposta de Deus às orações e às expectativas do seu povo. É ele o Messias, o rei que dominará de um a outro mar, desde o grande rio até os confins da terra (cf. Sl 72,8).

Salmo de meditação: 121,1-2.4-5 (Refrão: *Alegrei-me quando me disseram: "Vamos à casa do Senhor!"*). Cheios de alegria, os romeiros chegam a Jerusalém. Admiram os belos edifícios da cidade, que era o centro de unidade das doze tribos, único lugar de culto e sede da dinastia do rei Davi; e lhe desejam paz e prosperidade.

2.ª leitura: Colossenses 1,12-20

Paulo nos explica como devemos compreender o reinado de Cristo.

Na primeira parte, celebra a primazia de Cristo sobre toda a criação: *Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criatura* (vv.15-17).

Na segunda, proclama que Cristo é o primeiro na nova criação, porque ele foi o primeiro a vencer a morte e a abrir para todos o caminho para Deus: *Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia* (vv. 18-20). Jesus conquistou a vitória sobre os seus inimigos. A sua foi a vitória do amor, não da arrogância e da violência!

Aclamação ao Evangelho: (Marcos 11,10): Aleluia, aleluia, aleluia. *Bendito aquele que vem em nome do Senhor, bendito o seu reino que vem.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lucas 23,35-43

Os israelitas — vimos na primeira leitura — estavam à espera de um grande rei. Neste trecho nos é apresentada a resposta de Deus a essas expectativas: Jesus, pregado na cruz, tem ao seu lado dois ladrões e sobre sua cabeça está colocada uma inscrição: "Este é o rei dos judeus". Seria este o

esperado filho de Davi? Está diante de pessoas que o insultam; não está vestido de roupas de luxo; pronuncia palavras de amor e de perdão. Que estranha realeza era aquela de Jesus! Exatamente o oposto à que os israelitas estavam acostumados a imaginar.

Infelizmente muitos de nós cultivamos expectativas bem semelhantes à dos judeus. Identificamos o reino de Cristo com as vitórias e os triunfos dos cristãos e com o respeito que os chefes da Igreja conseguem incutir aos poderosos deste mundo! No íntimo, continuamos pensando que, na cruz, a realeza de Jesus não foi celebrada na medida certa. Aquele foi só um momento infeliz. A verdadeira manifestação acontecerá mais tarde, no fim do mundo, na hora da prestação de contas. Lá, sim, brilhará a glória de Cristo. Ele chegará e mostrará a todos, especialmente aos que o crucificaram, quem estava certo...

Bem, se estes pensamentos ainda passam pela nossa mente, é sinal de que não entendemos nada do Evangelho. Não é fácil para nós aceitarmos a idéia de que Jesus, quando derrotado e humilhado.

Nós, porém, seguidores de Cristo, devemos acreditar que ele triunfa quando doa a própria vida. Seu exemplo nos perturba porque nos exige que ofereçamos o perdão, sem condições, a quem nos prejudica. Jesus pronunciou sua sentença definitiva, quando, perdendo seus algozes, manifestou, da forma mais sublime, o seu amor.

REFLEXÃO

Ainda tentamos adaptar a imagem de Cristo Rei à dos reis deste mundo? A exemplo do Deus revelado por Jesus, amamos, na mesma medida, bons e maus? Esforçamo-nos para compreender os pensamentos de Deus, não condenando, não julgando, não discriminando?



Feliz Natal?

1.º domingo do Advento

28 de novembro

INTRODUÇÃO

Causou consternação geral a mancha de mendigos, agredidos, há um mês, de maneira covarde, enquanto dormiam nas calçadas do centro da cidade de São Paulo. Se nada fizermos pelos irmãos que sofrem, que sentido terão nossos votos de “Feliz Natal”?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura: Isaías 2, 1-5

A resposta nos é dada pela Liturgia, neste 1.º domingo do Advento, ao nos propor para nossa meditação a profecia de Isaías sobre os tempos do Messias porque acredita que sua realização se deu na pessoa de Jesus.

Quando Isaías pronunciou esta profecia, sua pátria, o Reino de Judá, encontrava-se numa situação dramática: os reis vizinhos se tinham aliado e estavam para começar uma grande guerra. Todos, desde o rei Acáz até o último cidadão, tremiam de medo.

Mas, no meio daquela dura realidade, o profeta Isaías prometeu três coisas: a cidade santa (Jerusalém) se

tornaria o centro para o qual os homens do mundo inteiro voltariam seus olhares, seus sonhos e esperanças; todos os povos e nações se dirigiriam para aquela cidade, para ouvir a palavra do Senhor; e haveria a *paz universal*. Referia-se aos tempos messiânicos.

Mas de que adiantou se *nada no mundo mudou*? O erro de quem pensa assim está em esperar que o Reino de Deus, a paz universal caia do céu e se estabeleça no mundo, de repente, milagrosamente, sem qualquer colaboração nossa.

Portanto, devemos nos sentir responsáveis pelo que acontece à nossa volta. Não podemos ficar impassíveis diante de tragédias como aquela do assassinato dos mendigos de rua, mas fazemos alguma coisa de concreto para que aquilo não se repita.

Salmo de meditação: 121,1-2.4-5.6-7.8-9 (Refrão: *Que alegria: vamos à casa do Senhor!*). Como eco da profecia de Isaías, o salmista descreve a saudação dosromeiros que, cheios de esperança, chegavam a Jerusalém.

2.ª leitura: Romanos 13,11-14

Paulo dirige-se aos romanos, escrevendo-lhes que, antes do batismo, estavam nas trevas da noite e faziam aquelas obras, das quais a gente se envergonha, quando feitas à luz do dia: bebedeiras, bailes imorais, furtos, adultérios.

Após o batismo, eles tinham abandonado tudo aquilo e entrado no reino da luz. Tinham jogado fora a roupa velha e estavam com veste nova: *Cristo*.

Reconhece, porém, que a *noite* ainda envolve o mundo, mas um novo dia está surgindo, uma nova humanidade está começando.

Se o Apóstolo assim se expressava, trinta anos após a morte e a ressurreição de Cristo, como podemos ser pessimistas, após dois mil anos? Examinemo-nos neste Advento e pensemos se, para nós, os sinais luminosos

de um mundo novo já começaram, de fato, em nossa vida?

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia e dai-nos a vossa salvação.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 24,37-44

O conteúdo da aclamação ao evangelho parece distoar do conteúdo deste trecho de Mateus. Mas isso só poderá ser pensado por quem tiver uma compreensão errada do gênero literário “apocalíptico”, uma forma bastante comum no tempo de Jesus, mas que se apresenta um pouco estranha para a nossa mentalidade.

O Evangelho é, por natureza, uma “boa notícia”, uma mensagem de alegria e de esperança. Se alguém procurar encontrar uma mensagem que provoque medo, afastou-se do sentido autêntico do evangelho.

O que Jesus quer dizer no evangelho de hoje é que devemos estar sempre “acordados e atentos” para perceber cada vinda sua, nos momentos mais inesperados.

Ele está presente nos que passam fome, nos mendigos que dormem nas calçadas, nas crianças de rua. Pede-nos gestos de amor para diminuir o sofrimento desses irmãos. Fala-nos através dos filhos, dos netos, da esposa, do esposo que, mais de uma vez, aproximam-se de nós e para os quais nunca temos tempo... Preparemos o Natal, recebendo, atentos, cada vinda do Senhor, hoje.

REFLEXÃO

Que gesto concreto faremos, neste Advento, pelos irmãos que sofrem, dentro e fora de casa? Nossos gestos mostram aos outros que aderimos ao *novo* de Cristo? Pedimos misericórdia ao Senhor e, por nossa vez, somos misericordiosos?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE NOVEMBRO

31.ª SEMANA DO TEMPO COMUM



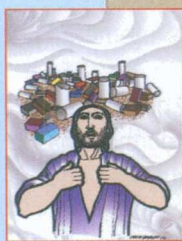
1º- SEGUNDA: Fl 2,1-4 = Exortação à união mútua na humildade. Sl 130. Lc 14,12-14 = Convidar os pobres, doentes e infelizes. **2- TERÇA:** Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. Leituras à escolha no Ritual das Exéquias. **3- QUARTA:** Fl 2,12-18 = Perseverança no esforço pela perfeição. Sl 26. Lc 14,25-33 = Renunciar a tudo para seguir Jesus. **4- QUINTA:** Fl 3,3-8a. = Em comparação com estar com Cristo, tudo é desprezível. Sl 104. Lc 15,1-10 = Parábolas da ovelha tresmalhada e da moeda perdida. **5- SEXTA:** Fl 3,17 — 4,1 = Para eles, deus é o ventre; nós somos cidadãos do céu. Sl 121. Lc 16,1-8 = Parábola do administrador. **6- SÁBADO:** Fl 4,10-19 = Paulo agradece a ajuda recebida. Sl 111. Lc 16,9-15 = Bom uso do dinheiro.

32.ª SEMANA DO TEMPO COMUM



8- SEGUNDA: Tt 1,1-9 = Instruções para a organização da Igreja. Sl 23. Lc 17,1-6 = O perdão, a fé. **9- TERÇA:** Festa da Dedicção da Basílica de São João do Latrão. Ez 47,1-2.8-9.12 = A fonte do Templo. Sl 45. Jo 2,13-22 = Jesus expulsa os que vendiam no Templo. **10- QUARTA:** Tt 3,1-7 = Submissão às autoridades e paciência livre de todo ódio. Sl 22. Lc 17,11-19 = O leproso agradecido dentre os dez curados. **11- QUINTA:** Fm 7-20 = Se me tens por amigo, recebe Onésimo como a mim mesmo. Sl 145. Lc 17,20-25 = Vinda do Reino de Deus. **12- SEXTA:** 2Jo 4-9 = Praticar a caridade mútua. Sl 118. Lc 17,26-37 = O Filho do homem chegará repentinamente. **13- SÁBADO:** 3Jo 5-8 = Acolher colaboradores da verdade. Sl 111. Lc 18,1-8 = A viúva importuna.

33.ª SEMANA DO TEMPO COMUM



15- SEGUNDA: Ap 1,1-4; 2,1-5a = Mensagem à Igreja de Éfeso. Sl 1. Lc 18,35-43 = Cura de um mendigo cego, em Jericó. **16- TERÇA:** Ap 3,1-6.14-22 = Mensagens às Igrejas de Sardes e de Laodiceia. Sl 14. Lc 19,1-10 = Zaqueu recebe Jesus. **17- QUARTA:** Ap 4,1-11 = Visão da corte celeste. Sl 150. Lc 19,11-28 = Parábola do dinheiro emprestado a dez servos. **18- QUINTA:** Ap 5,1-10 = O Cordeiro redentor. Sl 149. Lc 19,41-44 = Jesus chora, ao ver Jerusalém. **19- SEXTA:** Ap 10,8-11 = O pequeno livro aberto. Sl 118. Lc 19,45-48 = Jesus purifica o templo. **20- SÁBADO:** Ap 11,4-12 = Triunfo das testemunhas de Cristo. Sl 143. Lc 20,27-40 = Como será a ressurreição.

34.ª SEMANA DO TEMPO COMUM



22- SEGUNDA: Ap 14,1-3.4b-5 = O Cordeiro e seus eleitos. Sl 23. Lc 21,1-4 = Oferta da viúva pobre. **23- TERÇA:** Ap 14,14-19 = Duplo julgamento: ceifa e vindima. Sl 95. Lc 21,5-11 = Sinais da ruína. **24- QUARTA:** Ap 15,1-4 = Cântico de Moisés. Sl 97. Lc 21,12-19 = Tempos messiânicos. **25- QUINTA:** Ap 18,1-2.21-23; 19,1-3.9a = Alegria no céu! Sl 99. Lc 21,20-28 = Vigilância. **26- SEXTA:** Ap 20,1-4.11 — 21,2 = História do Reino messiânico. Sl 83. Lc 21,29-33 = Primavera do Reino. **2- SÁBADO:** Ap 22,1-7 = Visão eterna de Deus. Sl 94. Lc 21,34-36 = Vigiai!

1.ª SEMANA DO ADVENTO



29- SEGUNDA: Is 4,2-6 = A paz messiânica. Sl 121. Mt 8, 5-11 = Os pagãos, estrangeiros, entrarão no Reino!

30- TERÇA: Santo André, Apóstolo. Rm 10,9-18 = A fé vem da pregação. Sl 18. Mt 4,18-22 = Deixando as redes, seguiram-no.

Diálogo indefinido

(Continuação)

Wimer Botura Jr.

É possível se construir um castelo lógico, somando-se palavras indefinidas entre si, misturando-se dados numéricos superdimensionados ou termos de difícil compreensão, que criam na criança a sensação de incapacidade. Na verdade, ela acaba desenvolvendo também uma grave sensação de rejeição, pois o diálogo indeterminado não permite a criação de vínculos afetivos profundos, apenas superficiais, dentro de limites permitidos.

A linguagem indefinida pode criar na criança a sensação de que é menos inteligente, na medida em que o adulto usa palavras de conteúdo pouco compreensível para ela. Imagine, por exemplo, a seguinte situação: — *Pai, o que é genital feminino?* — pergunta Quinho, após ouvir um médico no rádio do carro com seu pai.

O pai, um intelectual daqueles que fogem de qualquer coisa que passe perto de corpo, procurando evitar a possibilidade de deixar que alguém note suas dificuldades, recorre ao seguinte tipo de discurso para seu filho de quatro anos: — *Ah, meu filho! Isto é muito simples. Desde o reino animal, do mais primitivo ao mais evoluído, todos os animais, sem exceção, necessitam se reproduzir, procriar, para que assim possam perpetuar a existência da humanidade. Esta humanidade tão cheia de dificuldades, umas previsíveis e até mesmo evitáveis, e outras absolutamente imprevisíveis como tantas pelas quais nós já passamos de forma incólume, e outras que nos deixaram como legado uma gama incomensurável de seqüelas. Esta humanidade que podemos dividir, na melhor das hipóteses, em duas grandes facções: uma mais próxima daquilo que podemos chamar de realidade, na medida em que sua forma de raciocinar, geralmente mais produtiva, acaba trazendo resultados mais próximos do esperado para aqueles que, como nós, de uma forma especial e embora não explicitada, por fenômenos cuja dimensão talvez somente o criador deste universo maravilhosamente belo, pela sua espiritualidade e sua sabedoria, incontestável, indisfarçável, porém perfeitamente adaptável às mais diversas necessidades encontradas entre aqueles cujas necessidades estão moderadamente acessíveis aos que*

mais se permitem esclarecer os fenômenos inerentes ao lado humano de cada um dos que...

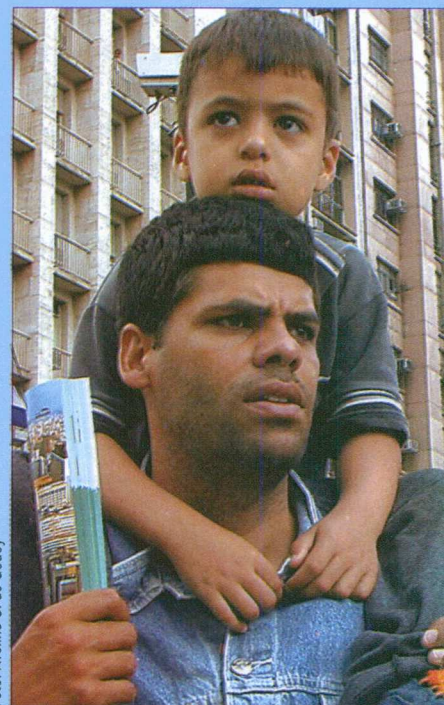
— *Tá bom, pai, já entendi.*

Exagerei na quantidade de palavras indeterminadas, associadas de tal forma que criam um discurso que parece fazer sentido, embora possa não fazer o mínimo, principalmente por não responder à questão levantada pela criança. Este tipo de diálogo existe com muita freqüência entre pais e filhos. No lugar de palavras indefinidas, poderiam estar números grandiosos, que causam a sensação de que a pessoa sabe muito e a que ouve fica perdida, achando-se realmente burra. Na verdade, quando isso acontece, é

porque estamos diante de uma pessoa que tem dificuldade

No lugar de palavras indefinidas, poderiam estar números grandiosos, que causam a sensação de que a pessoa sabe muito e a que ouve fica perdida, achando-se realmente burra.

Foto: Avelino S. de Godoy



com o simples e costuma complicar tudo. As coisas não precisam ser complicadas.

Outra forma de diálogo familiar é o uso de adversativos. A melhor forma de se sentir impotente é manter um relacionamento com pessoas que se utilizam demais de frases em que o afirmativo é seguido pelo adversativo, como, por exemplo: “Sim, o que você disse é interessante, mas eu não vou ouvir”. A pessoa faz uma pergunta,

Vamos cozinhar?!

Yvone Barros Oliveira

Entrada NABO COM CHEIRO VERDE

Ingredientes

1/2 kg de nabo descascado
Sal
1 colher/sopa de manteiga
4 colheres/sopa de óleo
2 colheres/sopa de cheiro verde picado
pimenta-do-reino.

Modo de preparar

1. Corte o nabo em pedaços e coloque em uma panela. Acrescente água suficiente para cobri-los e adicione sal e a manteiga. Deixe no fogo até a água evaporar completamente.
2. Aqueça o óleo e doure o nabo. Polvilhe com o cheiro-verde e pimenta-do-reino e refogue ligeiramente. Sirva em seguida, com torradas.

Prato principal ENSOPADINHO DE CARNE-SECA



Ingredientes

1/2 kg de carne-seca
2 colheres/sopa de óleo
1 colher/sopa de manteiga
1 cebola picada
1 dente de alho amassado
4 tomates picados sem pele nem sementes
1 pimentão picado
1/2 xícara/chá de azeitonas pretas picadas
1 folha de louro e pimenta-do-reino
4 colheres/sopa de cheiro-verde picadinho

Modo de preparar

1. De véspera, lave bem a carne-seca e ponha de molho em água. No dia seguinte afervente-a por alguns minutos, escorra-a e corte-a em pedacinhos.
2. Aqueça o óleo e a manteiga e doure a cebola e o alho. Junte o tomate e o pimentão. Deixe refogar por alguns minutos.
3. Tire a panela do fogo. Acrescente a carne-seca, a azeitona, o louro e a pimenta-do-reino. Leve novamente ao fogo e deixe cozinhar lentamente em fogo baixo, juntando um pouco de água de vez em quando.
4. Quando a carne estiver bem macia e o molho grosso, prove o sal. Acrescente mais um pouco, se necessário, junte o cheiro-verde. Misture bem e sirva em seguida, acompanhado de arroz branco e banana frita.

Dica: Com as sobras deste prato, faça um viradinho, apenas acrescentando farinha de mandioca.

Sobremesa BANANADA DE COLHER

Ingredientes

6 bananas nanicas grandes e maduras
1/2 kg de açúcar
Suco de 3 laranjas e
Suco de 3 limões

Modo de preparar

1. Descasque as bananas, corte-as em rodela e coloque em uma panela. Junte o açúcar, o suco coado das laranjas e dos limões e leve ao fogo baixo.
2. Cozinhe, mexendo de vez em quando, até o doce escurecer e soltar do fundo da panela. Deixe esfriar e passe para uma cometeira. Sirva com queijo-de-minas.

aparentemente ouve a resposta, e automaticamente responde: “Sim, de acordo, mas não vou considerar o que você disse...”. Quanto mais você tenta corresponder àquilo que parece ser a intenção daquela pessoa, mais respostas adversativas obterá.

Depois de alguns diálogos desse gênero, os nervos estão acirrados e a briga é inevitável! Caso não cheguem à briga — que apesar de não ser a melhor saída seria até uma manifestação dos sentimentos retidos, através da catarse (limpeza) proporcionada pelo bate-boca —, essas pessoas permanecerão com ressentimentos, que culminarão no esfriamento da relação. Aquele que dá sugestões, sairá cansado, com

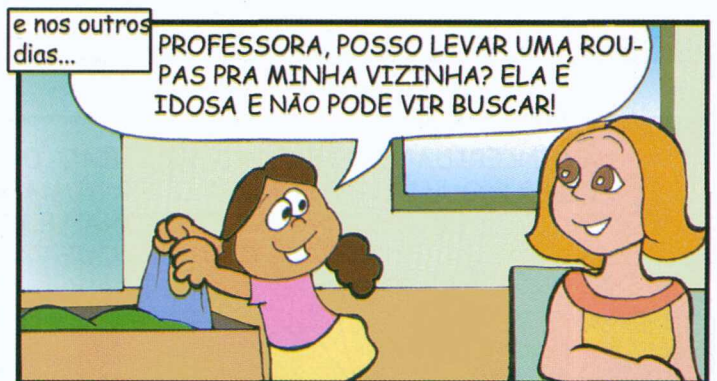
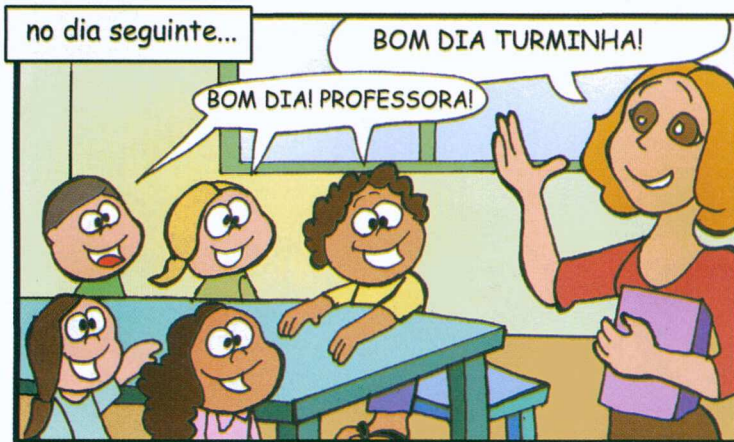
a sensação de impotência; aquele que respondeu “sim, mas, todavia, contudo” sairá sentindo-se incompreendido.

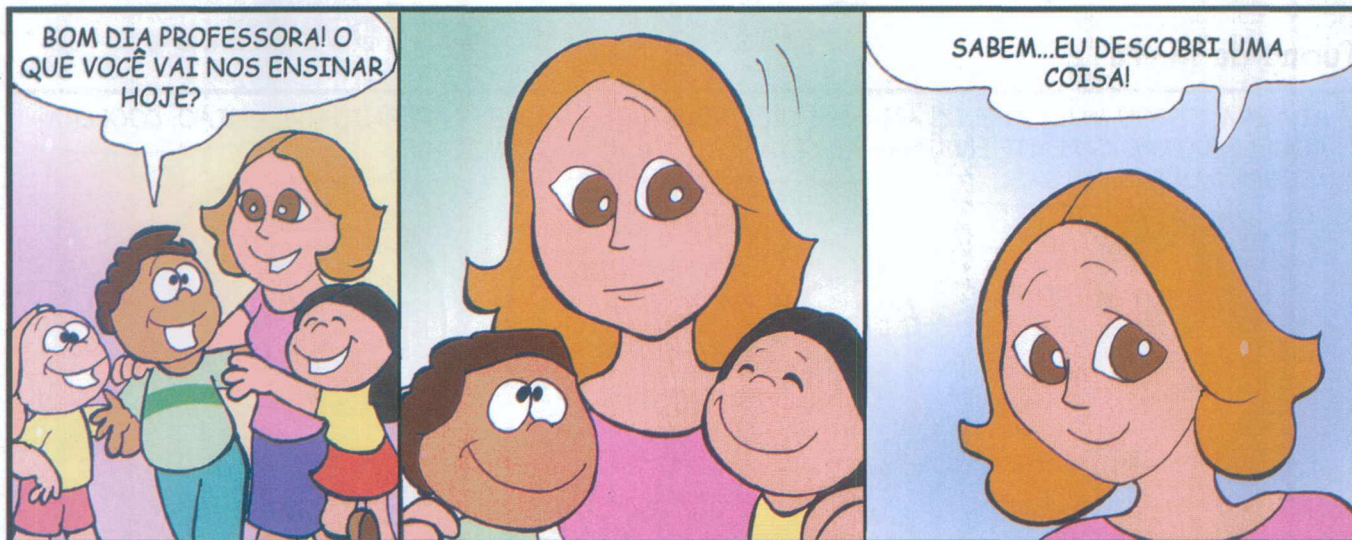
Se você vive cansado, mesmo sem grandes motivos aparentes para isto ou mesmo com belos motivos para isto, observe o meio onde vive, pois possivelmente você se relaciona com pessoas especializadas em “sim e mas”. No entanto, se você se sente incompreendido, possivelmente o jogador das adversativas seja você mesmo. Fique atento, pois quem se sente incompreendido com frequência, tem a crença de que é incompreendido, e usa muito “sim e mas”, está cheio de mágoas e ressentimentos. Pensa ser vítima, age como vítima e acaba provocando a ira dos perseguidores.

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.

Coisas de criança...

Turma da Maira



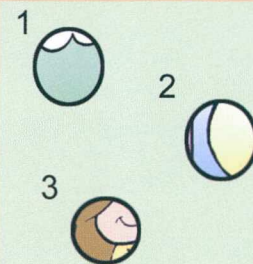
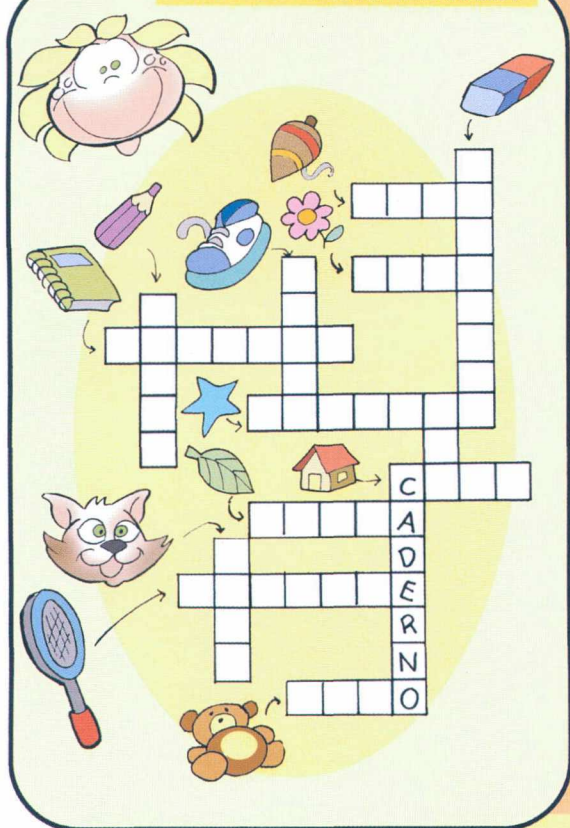




Hora de Brincar!!

NAS CENAS AO LADO, ENCONTRE OS DETALHES!

VAMOS COMPLETAR?



Eu sonho com um mundo mais belo
Onde todos vivem bem.
Eu sei que este sonho singelo
É o seu sonho também!

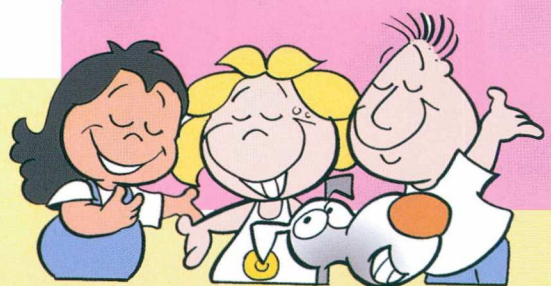
Encontre no quadro estas palavras!

HUMILDADE CONSOLAR
CONFIANÇA RESPEITAR
CARINHO
OTIMISMO

P A S T R V U D T R E S P E I T A R T
R J L B E T A S U M S E D A D L A E L
P H U M I L D A D E M T R A S T M T S
E R R A B U M T Q U I E B C R P O V O
R A E I N R Q I E B R A D U J A K S M
D L Q T R I T R A P E R A C D C I X S
O O A S M C O N F I A N Ç A Q I A S I
A S C D T V L Y B O I U O D Z E U A M
R N E D A D I R E C N I S E B N M S I
T O E A S Z T B R N X T B M D C S T T
Q C E U R A U T B A Z K E T E I T M O
C A R I N H O S A J G L Z O F A H N R

Escreva pra nós!

Turma da Máira - Rua Luiz Scott, 222
Aldeia de Barueri - Barueri - SP
CEP: 06440-190



Bíblia Sagrada

AVE-MARIA

A mais querida do Brasil!



Eu sou o pão vivo
que desceu do céu. Quem comer
deste pão viverá eternamente.

(Jo 6, 51)

MM
EDITORA
AVE-MARIA

Televendas: **0800 77 30 456**

www.avemaria.com.br

AVE
MARIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

**Impresso
Especial**
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS